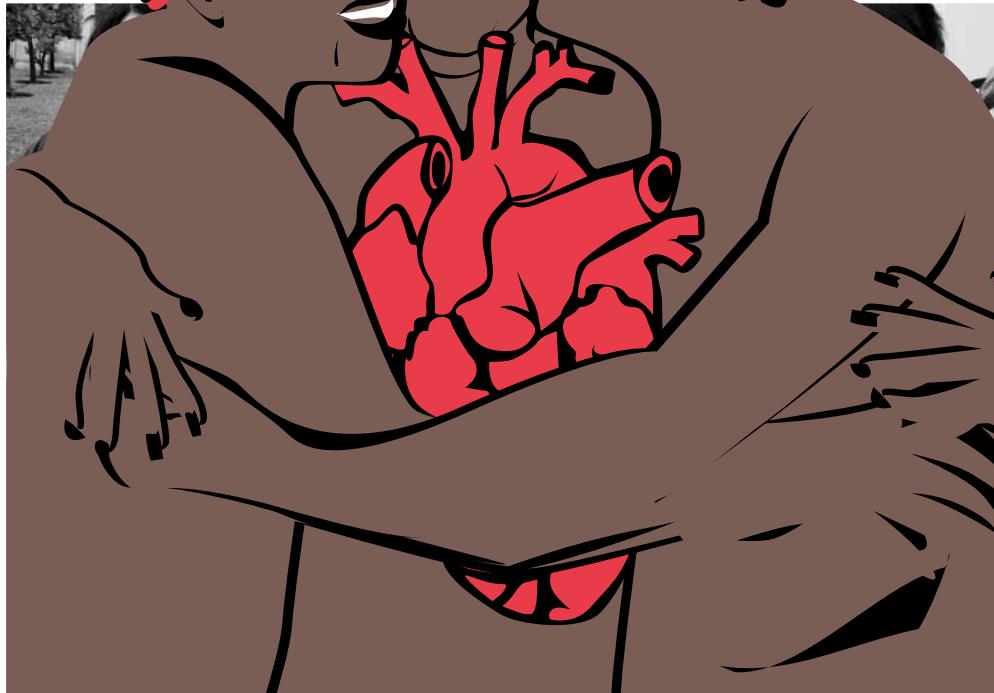




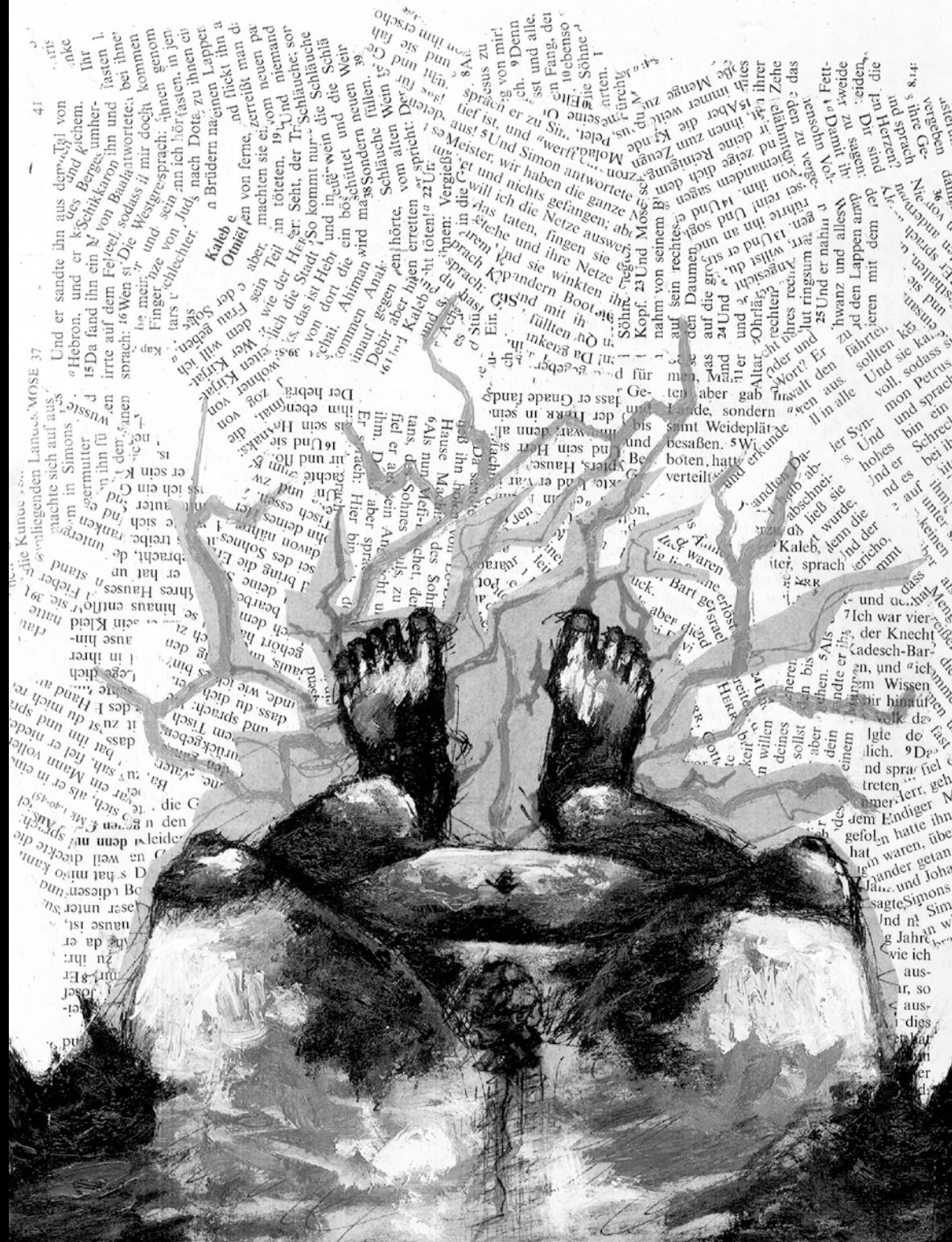
# FALA #5



AFETI  
VIDA  
DES



QUE  
ERREIRA



Acrílica e colagem s/ papelão

## STEFANY LIMA SÉRIE "AMOR, SUBSTANTIVO MASCULINO" (2017)

Stefany Lima, **FANY**, como assina em seus trabalhos, é paulista de Embu das Artes, atualmente mora em Recife. Seu primeiro contato com o grafite ocorreu em 2011, fotografando os eventos do gênero. Em 2013 começou a desenvolver sua arte, construindo um estilo singular que mescla ancestralidade com representações afro-feministas.



**O RECONHECIMENTO DA MINHA ANCESTRALIDADE NEGRA É, PRIMEIRAMENTE, O QUE ME TRAZ PACIÊNCIA, INSPIRAÇÃO, FORÇA E INTUIÇÃO. O SABER QUE O PROCESSO CRIATIVO É MUTÁVEL E CONTÍNUO. POR FIM, TUDO SE CONVERTE EM REFERÊNCIAS, FIGURATIVAS OU ABSTRACTAS, ELEMENTOS, TEXTURAS, FORMAS, CORES E COMPOSIÇÕES.**



Acrílica s/ papel

# FALA GUERREIRA!

## SALVÊ!!!

Mundo dá volta e nós, mulheres, caminhamos com nossa malinha de mão. Dentro: muitas estórias de garra, muita ventania e mares bravos, dores e superações. Peles marcadas por cicatrizes ancestrais. **MOVIMENTOS DO GOSTAR E DESGOSTAR** encadeiam nossa vontade de ocupar o mundão, de estar junto das nossas, dos nossos. Ali onde é nosso ninho que miramos construir, onde estão as encruzilhadas do nosso afeto?

Quando falamos de **AFETIVIDADE**, ousamos tocar em uma dimensão fundamental e “simples” da vida – o AMOR. E que amor é esse que nos atravessa, palavra que também é ardida e cheia de armadilhas? Será aquele AMOR entendido como sentimento que move meu querer e minhas ações? Será aquele AMOR que me permite explorar as riquezas dos meus afetos e do meu corpo **SEM SER JULGADA POR ISSO?** Ou ainda aquele AMOR que de tão pulsante e ardente me faz querer sentir e viver de diferentes jeitos, com diferentes pessoas, ao mesmo tempo ou em tempos diferentes?

Pergunta que não quer calar (fica gritando) na boca da madrugada:  
...Esse tal de amor romântico, que é um espinho encravado, que nos maltrata e mata. Esse amor aí a gente não quer mais, concordamos mulheristicamente falando numa grande ciranda. Olho no olho: mulher, mata seu amor. Mulher, corta na carne. Ai... Ai.

Abdicar dele, morar em outras palavras? Desterradas, buscar guarida no companheirismo,

na criação, no ventre da poesia. Palavra bonita é morada, carinho, cuidado, dengo. Morar esses dias na melancolia, comuni-da-de.

**REBELDIA, DESTRUÇÃO, INSURGÊNCIA.** Dormir na solidão da luz das estrelas. Buscar de andada outras palavras. Amor, amor não, tiu. **AMOR MATA.** Dele, aquelas que trançavam nossos cabelos em nós apertados (as que vieram antes de nós), apanharam na cara. Os nós dos cabelos hoje sangram que é pra nunca esquecer. O afeto tem muitas dimensões. As palavras e imagens que reunimos nesta 5ª Revista contam dos labirintos íntimos de cada mulher que desaguou corajosamente suas experiências de luta, amor-desamor e cuidado.

Aqui estamos, parindo essa revista atravessadas por **NOSSOS AFETOS QUE SANGRAM.**

Além do cansaço que nos acompanha e o estreitamento do horizonte, a carestia da vida, o prato ficando vazio, o cassetete do gambé, que laços de afeto nos alimentam? Se tudo a nossa volta foi feito pra destrançar nosso gostar... Onde o amor nos é negado sistematicamente.

É treta das grandes! Então por que não pensar na construção do AMOR

## enquanto **ATO POLÍTICO?**

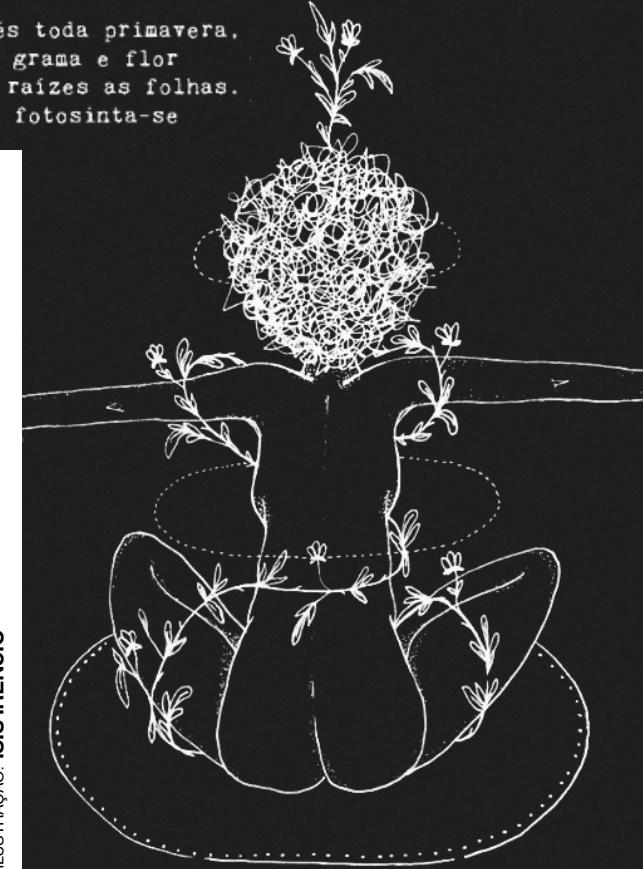
Em um mundo em que nós mulheres fomos ensinadas a gostar mais dos outros do que de si mesmas, o mantra é se doar, doar e doar... Encontrar **AMORES QUE NOS CAIBAM INTEIRAS** é revolucionar as bases de nossas histórias individuais e reverbera também em nossa coletividade. Pensemos aqui em construir novas trajetórias, onde possamos ser sujeitas e não reféns, afinal, são essas trajetórias que nos fizeram chegar até aqui nesse ajuntamento de mulher de quebrada que somos, na elaboração desse tema e no diálogo com outras guerreiras como você que nos lê agora. Nós temos buscado amar umas às outras e podemos afirmar: não tem sido fácil! Ainda temos muito chão pra caminhar e lenha para queimar e aquecer as andanças. Ainda dói, estar aqui falando de afetividade é parte da **NOSSA CURA.**

Poder investir de imaginação política as relações, gerar e olhar na bolinha dozói das tretas e trutas que são nossos afetos ainda nos move. Então, vem cum noiz!

**ATRAVESSEMOSS!!!**

tu és toda primavera,  
grama e flor  
das raízes as folhas.  
fotosinta-se

PÁGINA DO LIVRO BURACO DE PAM ARAÚJO  
ILUSTRAÇÃO: ISIS IRENÇIO



## expediente

**PROJETO FALA GUERREIRA!  
MULHER E MÍDIA NA QUEBRADA**

#5 ♀ junho/2017

**FALA GUERREIRA É** Alessandra Tavares de Oliveira, Ana Liz, Carla Aguiar, Bia Oliveira, Carolina Teixeira, Danielle Braga, Danielle Regina de Oliveira, Dandara Gomes, Dayse Oliveira, Gabriela Miranda, Izabela Machado, Jenyffer Nascimento, Lia Moreira, Mariana Brito, Michelle Mesquita, Formiga, Nath Pires, Patrícia Tirola, Rita Carneiro, Silvana Martins

**REVISÃO:** Ana Liz e Dayse Oliveira

**PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:** Silsil do Brasil  
**AS PARÇAS:** Valquíria Palma (diagramação), Semayat Oliveira, Carmem Faustino e Coletivo Audácia

**falaguerreira@gmail.com** **facebook.com/falaguerreira**

## realização

**#FALA  
GUERREIRA**

**Bloco  
Beco**

**Sacola das  
Artes**

**VAI**

**PREFEITURA DE  
SÃO PAULO**

# COLÔNIA DE TODAS NÓS

POR DAYSE OLIVEIRA  
ILUSTRAÇÕES: CAROLINA TEIXEIRA



Danielle foi trazida para cá depois de ser considerada emocionalmente inadequada. Rompeu um casamento de 13 anos depois que o marido a impediu de sair algumas vezes... A família disse que foi exagero! Ele andava um pouco nervoso, é verdade, mas também, os homens são expostos a tantas pressões. Chegou aqui com as feridas à mostra, pele rasgada, sangue descendo. Foi

Rita quem cuidou dela – essa está aqui há tanto tempo que ninguém lembra mais porque chegou. Ninguém... ela não esquece por nenhum dia.

Aquela outra ali é Alessandra. Tem aquela síndrome de pássaro desengaiolado, conhece? Família sonhou tantos planos pra ela, mas depois de crescida quis “seguir o próprio caminho”, como se fosse possível voar sozinha. Tanta teimosia para acabar aqui, exilada. Tem dias que pede pra Carla cantar umas músicas de liberdade enquanto ela dança. É uma transe, bonita e triste. Espetáculo sem plateias, só elas, só.

Na mesma noite, lua cheia no céu, chegou Beatriz. Não entendi direito porque ela veio parar aqui, mas parece que ninguém entendia bem o que ela dizia, lucidez em excesso também é loucura. A mãe sempre a visita e toda vez conta a mesma história: era a criança mais inteligente da escola, como pode ter esse fim? Fica horas e horas conversando com a Formiga, usam termos diferentes, palavras esquisitas. Talvez tenham tido razão em mandá-las para cá, elas questionam o equilíbrio do mundo, a organização das coisas.

Já reparou como elas gostam de ficar juntas? Algo inexplicável acontece quando essas feridas se aproximam, deve ser disso que todo mundo tem medo... Também por isso esse lugar foi projetado tão afastado da cidade, à margem. Dificultar o acesso faz parte do projeto. Pelo menos parece que aqui todo mundo fica bem. Elas deixam de atrapalhar o bom andamento social, a ordem, a tradição.

Não sei se você percebeu, mas aqui anda ficando meio cheio. Essa Ga-



briela que não para de caminhar, parece que está sempre indo. No dia que a trouxeram, falaram de alma de artista, vive numa eterna busca. Caminha porque não consegue caber em nenhum lugar... Coisa de louco. Louca.

Olha lá para elas, cada vez mais juntas, cada vez mais juntas. Eu lembro o quanto me impressionou quando a Patrícia chegou e na ficha dela estava escrito: saudade demasiada. Sei lá qual é a medida que estão usando. Deu um medo, já senti tanta saudade também.

Olha, presta atenção, está acontecendo de novo. Elas ali, sentadas juntas, consegue ver? Eu não consigo entender o que dizem, mas elas sorriem, sorriem sem parar. Elas estão sangrando e sorrindo, sanguando e sorrindo. Uma delas, a Carolina, disse que o sangue delas é força, resistência. Será que elas estão planejando um ataque? Eu não duvidaria. Mulheres?

Sim, mulheres. Acho que se imaginasse o que elas fariam juntas não as teriam mandado pra cá. Lembra aquelas aulas de multiplicação celular? Cres-

ce. Mariana e Dandara foram punidas por amar mulheres (parece até que essa palavra virou xingamento). Mas é muito além do que é dito, elas são o mundo novo. Dá medo.

Eu tenho a impressão que elas fizeram dessa prisão um refúgio, acalento. Rejeitadas, renegadas, abandonadas, inadequadas. É assim que se referem às individuais, por isso estão aqui, para se curarem – e eu frequentemente me questiono de que cura será que tanto falam?

Fudeu! Elas fugiram! Sabia que algo ia acontecer, eu vi as labaredas nos olhos delas ontem. Olhos que chamavam, olhos de guerreiras. Não faço ideia de por onde elas foram, será que vem uma revolução por ai?

(...)

Ana tocou na ferida de Natalia. Doeu, certamente. Foi unindo as feridas e as dores, juntando as cicatrizes, que curaram uma à outra. Elas sabiam que se precisavam. As duas tinham sido expulsas por terem “intuição feminina” num lugar que odiava mulheres. Eram ameaça constante.

## “NÓS NASCEMOS PARA O VOO”

Em roda, Silvana penteava os cabelos de Jenyffer e contava histórias de suas irmãs. Era substantivo de cura, palavra que escorria salgada, saliva, suor e lágrima. Era enredo que acarinhava as duas e que as punha firmes, erguidas, potentes.

Na última noite nasceu a lua nova. Elas puseram suas aflições e medos em giro, cantaram e se levantaram. Grandes, conheciam o próprio tamanho. Saíram em marcha, alimentadas da presença das outras, munidas pelo sonho do voo. Embora já tivessem asas, sabiam que agora iriam mais longe. O bando estava formado.

Com medo, eles esperavam-nas armados e aflitos. E esperaram.

**ELAS NÃO CHEGARAM.  
DO ALTO, ELAS PODIAM VÊ-LOS.  
ELAS AVANÇARAM. ■**

# CARTA: AFETIVIDADE, IRMANDADE'

São Paulo, 06 de junho de 2017

**DANDA E JENY,**

**M**eninas, queria compartilhar com vocês que eu pensei muitas coisas pra escrever sobre afetividade. Fui tomada pelo desejo de falar sobre amor, relacionamentos e todo o misto de loucuras e pensamentos que me vem à cabeça ao pensarmos nesta revista. Um misto de vontade de partilhar o que vivi no campo da afetividade e dos meus desejos e afetos que estão em revolução. Também pensei em expressar minha crença na capacidade do amor incondicional que aquece nosso corpo e pra mim tem morada nas fontes infinitas de amor que são os orisás. Pensei em falar em como esse amor é dinamizador do asé que nos transmitido e que percorre nosso corpo inteiro e pode ser partilhado pelos caminhos que trilhamos.

Às vezes, me pego pensando na capacidade amorosa da conexão, empatia e nos encontros desprestensiosos ou combinados. Pensei também em falar do imenso amor pelas mulheres e à nossa luta que, tantas vezes, me levaram às lágrimas. Agora me vêm à memória os dias do Núcleo de Mulheres Negras, o dia 08 de março e muitos outros dias.

Era tanta minha vontade de falar em amor e sei que existe em mim, igualmente ou mais, vontade de amar. Sabe aquele texto da Bell Hooks? Domingo, quando cheguei em casa, dei uma lida nele de novo. Ser mulher negra não é fácil no mundo dos afetos. Fico pensando sobre como e por que nos abrir para o amor num mundo em que somos tão agredidas. Num mundo de hostilidade, será que realmente podemos quebrar as couraças protetivas? Se o fazemos, quais os custos? Se não fazemos, que preço iremos pagar?

Fico pensando que o amor muitas vezes nos é negado. Não o amor naquela visão romântica, quero falar do sentimento de pertencimento, reconhecimento e acolhimento. Tantas vezes me senti tão sozinha. Acabei criando uma versão de mim mesma por mim mesma. De uns anos pra cá comecei

ILUSTRAÇÃO: SILVANA MARTINS

# E MULHERES NEGRAS



a me abrir, mas o que aconteceu naquele dia me fez repensar. Será que realmente posso falar a partir desse “eu interior” (tantas vezes escondido de medo) com authenticidade e verdade, se a minha volta, as pessoas estão realizando uma leitura racista dos meus afetos e histórias? Só de pensar nisso, um frio sobe meu corpo inteiro, parece que volto aos calabouços, solitárias, manicômios, senzalas e solidão. Mas, realmente, uma mulher negra pode ser acolhida na sua fala com inteireza?

Fico pensando no modo como vamos perdendo a inocência. Acontece que a desproteção e o desamor que vivemos cria uma casca dura e uma contradição terrível. Amargar na desproteção e pelo golpe ou se proteger. O pior é que venho percebendo que ao dessensibilizar-se, para não sentir e sofrer com o racismo, também perdemos tantas cores e sabores da vida. Só reagir me parece pouco, frio e duro demais. A humilhação racial nos rouba a beleza de viver. Ser preta não é uma escolha e o embate diário machuca e dói tanto que passo vários dias disso- ciada (meio maluca e distraída mesmo).

Com freqüência o racismo nos tira o direito de pertencer. E se não se pertence não se estabelece vínculos e assim a afetividade nos é negada por fora e por dentro. Desde ontem, fico pensando nas sensações que senti no meu corpo, ser tomada pelo ódio, tremer, chorar e sentir um desolamento tão grande. Lembro de você, Danda, dizer que se sentia endurecida. Milhares de imagens vieram a minha mente. Será que estamos imóveis? E ao ver você, minha amada, Jeny, tão perdida andando meio sem rumo e tentando fazer outras coisas, fico pensando que é no mar do silêncio, o mesmo mar atlântico, que estamos e ficamos perdidas. Todas essas sensações, de alguma forma, já foram sentidas por mim. Já estão marcadas no meu corpo, nas minhas memórias sensorial e intelectual. Já não posso fugir delas e assim como elas me pertencem, de alguma forma, eu pertenço a elas. Elas me seqüestram trazendo medo e insegurança. Me pegam de surpresa quando não quero. Acho que elas estão no repertório da minha autossabotagem. Vocês já sentiram isso?

Isso afeta gravemente minha afetividade. Hoje, eu também lembrei daquele cara babaca, que disse uma vez que era difícil amar as mulheres negras porque não existe leveza. E pensei com tantos esforços que despendemos para sermos leves, alegres, vivas e rebeldes e, de repente, nos sentimos tão desoladas e sozinhas diante da violência simbólica. O que quase sempre fazemos: nos silenciamos, nos retiramos, nos isolamos e, por tempos, nos protegemos. Será que podemos encontrar outros caminhos? Hoje eu acordei pensando que sim. E o que me fez pensar é esse sentimento gigante de amor e fraternidade que sinto por vocês, amoras.

Aquele dia foi muito triste. Não quero dizer que não deixará marcas. Mas, estar com vocês e continuar com vocês, me faz acreditar em alguma coisa que não posso dizer ou imaginar agora, mas sei que existe. O mundo é muito hostil, mas os braços de vocês são amáveis e confortáveis, então, a dureza que durante toda a vida entrou e enrijeceu meu peito, aconteceu diferente, naquele dia foi diferente. Talvez isso refaça minhas crenças no amor. E, talvez, possamos continuar nossos caminhos.

Queria dedicar pra vocês, amoras e amadas, um trecho do texto que li domingo

e que vocês já leram milhares de vezes. Sei que nesses dias, falei muito de ódio e no poder que ele tem. Mas, este trecho somado a imagem de cada uma de vocês na minha memória, amolece um pouco meu coração.

“Muitos negros, e especialmente as mulheres negras, se acostumaram a não ser amados e a se proteger da dor que isso causa, agindo como se somente as pessoas brancas ou outros ingênuos esperassem receber amor. Uma vez disse para algumas mulheres negras que gostaria de viver em um mundo onde existisse amor, onde pudesse amar e ser amada. Depois disso, elas passaram a rir de mim sempre que nos encontrávamos. Para que esse mundo possa existir é preciso acabar com o racismo e todas as formas de dominação. Se escolho dedicar minha vida à luta contra a opressão, estou ajudando a transformar o mundo no lugar onde gostaria de viver”.

Acontece que estamos vivendo agora. E o que vamos decidir?

Beijos,

Um dia lindo pro’cês! <3

**ALE**

São Paulo, 07 de junho de 2017

## **MINHAS IRMÃS DE CAMINHADA, DANDARA E ALE**



ão consegui segurar as lágrimas que escorreram dos meus olhos enquanto lia a sua carta, Alessandra. A sua dor é a minha dor, e aqui não se trata de uma fala esvaziada de sentido, afinal, dizem que a dor de cada um apenas a seu dono pertence. Tenho que discordar, há dores que a todas nós pertencem, porque não são dores individuais, são coletivas quando estamos sob o jugo do racismo.

Agora me vejo pensando desde quando aprendi a enfrentar e a ser forte, e sinceramente não sei a resposta. Ainda que enfrentar e ser forte exija um esforço emocional tremendo. Só sei que eu não poderia ir embora, ainda que minha alma tenha fugido do meu corpo por alguns instantes. Eu não sabia o que pensar, nem o que dizer, mas a minha única certeza é que eu tinha que ficar. E hoje, por meio da reflexão de sua carta, fiquei sentindo que ficar foi tão somente por amor. Um amor indissolúvel. Eu fiquei não foi por vocês, eu fiquei por nós. Fiquei pela solidez dos passos que temos construído regado a lágrimas, preocupações, falta de grana, sorrisos, possibilidades, dores compartilhadas e sinceridade de sermos plenas quando estamos juntas. Fiquei porque aprendi com Dandara que não se pode seguir enquanto deixamos uma irmã para trás, sobretudo, quando essa irmã está machucada. Ficar é importante.

Agora que minha alma já voltou ao meu corpo, tenho me sentido angustiada e

Jenyffer Nascimento

tenho remexido nas coisas que ficaram embaixo do tapete. Não é fácil olhar pra lá. Machuca e corta. Há muita sabedoria no ditado que diz "não se pode tapar o sol com a peneira". Não, não se pode. Eu que sempre me vi esperta e maliciosa, me vejo cada dia mais ingênuas diante das armadilhas do racismo e me sinto absolutamente confusa. Quando acho que já saquei tudo, percebo que há muito a descobrir sobre as diversas camadas que nos impedem de existir plenamente quando somos mulheres pretas.

Mas eu não quero mesmo só acumular traumas, dores, desamores e dessabores, eu quero continuar acreditando que amar é um ato político. Por isso, acredito, vivo e sinto essa conexão que é tão saudável à minha existência, essa partilha genuína de nós para nós. Ao constituir um lugar de afetividade seguro como o nosso, fico pensando que todas as construções que chamei de amor estavam cheias de formatos e valores que não me faziam crescer e nem sentir que eu cabia inteira ali. Viver essa afetividade entre nós vem possibilitando que eu possa construir novas bases afetivas, pensando na minha maternidade, no meu lugar de filha, no meu lugar de companheira e no relacionamento com outras mulheres.

É fim de tarde de uma quarta-feira e me sinto viva, porque ter uma causa e lutar por ela faz meu coração palpitar forte. Eu não me sinto sozinha. Me sinto acompanhada pelas ancestrais que sopram em meus ouvidos, me sinto acompanhada por vocês, me sinto acompanhada por aquelas que amaram até as últimas consequências. Não é possível negar a importância do amor para qualquer transformação. Sinto que qualquer pessoa que queira caminhar nessa jornada conosco terá que nos olhar com essa inteireza, encarando os espelhos estilhaçados de nossas construções dolorosas com dignidade e olhando o próprio espelho que reflete privilégios sejam eles grandes e esmagadores ou pequenos. É preciso ter coragem. Aos poucos eu venho conseguindo. Ser uma mulher negra fez de mim alguém que é bem maior do que eu imaginava.

Obrigada por me mostrarem o tamanho de vocês, para que eu pudesse acreditar no meu tamanho, na minha potência.

Sobre o que vamos decidir ainda não está dado totalmente, mas eu só posso responder, "vamos, no caminho a gente descobre!".

Eu amo vocês e é tão intenso e profundo.  
Obrigada pelos dias, todos os dias.

**JENYFFER**

ILUSTRAÇÃO: SILVANA MARTINS



São Paulo, 9 de junho de 2017

## OLÁ QUERIDAS IRMÃS, QUE BOM QUE ESTAMOS JUNTAS.

**A**mar, sentir está melhor do que já esteve antes pra mim. Se não fosse pelos ensaios da vida jamais teria coragem de escrever o que estou sentindo agora. Sentir as coisas simples da vida tem me feito pensar que estou com o coração pulsante. Simplidade e amor vêm de tomar um sorvete gigante e se lambuzar toda, sem se preocupar se sua roupa vai sujar. Fazer um passeio pelas ruas da quebrada e analisar a arquitetura das casas e sentir que foi feito com muita luta, afeto e sensibilidade.

As estrelas são uma das maiores belezas naturais que o universo criou. Assim são as mulheres negras, estrelas além do tempo. Tempo que atravessa gerações e ancestralidades. Hoje pela manhã lembrei da minha vó. Mulher negra de pele retinta que viveu sua vida sem saber o que era amor, mas exalava amores através de suas ações, afagos e afetos. Lembrei como ela pentava meus cabelos e dizia como eu me parecia com ela. O cheiro de café da manhã de domingo sempre vinha acompanhado de uma velha história ancestral.

Quando visito meus pais, fico na observação de como eles lidam com o jeito deles de amar e sentir o amor. Minha mãe sempre muito alegre, risonha, diz: Casa que tem muita comida, tem amor! E isso é um fato nas casas de famílias negras. Meu pai com seus causos divertidos sempre me leva pra um mundo de imaginação e criatividade. Como não ser amada por esses dois? Retribuo através dos meus olhos, afinal de contas um olhar pode valer uma vida inteira.

O racismo tem deixado marcas profundas em nossas vidas, marcas que nem sabemos se um dia serão curadas. Toda vez que penso sobre a nossa vida de mulheres negras, penso que vivemos uma batalha e ainda somos colocadas como condição de alvo. A falta de amor tem criado tantas dificuldades em nossas vidas que morremos por dentro. Penso muito nas mulheres negras que conheci no sistema carcerário, o quanto aprendi com elas, um amor de resistência e liberdade pra sobreviver lá dentro, e como foi doloroso sentir um amor agressivo sem nenhum toque de afeto e carinho. Nas ruas senti um amor marginal, sem lei, sem regras, sem nada. O amor precisa estar presente na vida de todas as mulheres negras. Em todas as casas, lugares, ações, momentos, só assim vamos poder caminhar com a certeza de nossa existência. Jamais conseguirei caminhar se outra irmã negra estiver em apuros. Um passo atrás ou à frente e estaremos todas no mesmo lugar.

Ale e Jeny, gratidão por me tirar do pensamento das trevas, por achar que eu não era nada nessa vida, vocês me ensinaram a ser gigante do tamanho de uma formiga e a ter agilidade nas palavras como se fosse uma máquina de escrever. E várias outras coisas lindas que dizem todos os dias. Estou vivendo um caso de amor com duas mulheres negras. Um caso de amor ancestral. É sabe de uma coisa? Tem me feito muito bem! Gratidão por estarem comigo nos momentos ruins da vida. E por estarem em pensamento na escrita dessas linhas da observação.

Eu amo todas as mulheres negras desse mundo. O amor cura.

Nossa recuperação está no ato de amar. Aquele que não ama ainda está morto!

**DANDARA**

# SEUS AFETOS

## DESCOLONIZANDO

**S**empre namorei muito. Acredito que tive uma dezena de namorados, alguns casos, um casamento, etc. e tals, e todas as vezes que chegava o fim desses relacionamentos eu repetia: “definitivamente eu não sirvo para namorar/casar”. Essa afirmação ao longo da minha trajetória afetiva foi fazendo enorme sentido. Definitivamente eu não sirvo para namorar, ou melhor, definitivamente eu deveria conhecer qual tipo de relacionamento é mais saudável diante das minhas inquietações afetivas como mulher branca-mestiça feminista periférica bissexual (e taurina com ascendente e lua em câncer, pra dar um tom energético no texto e vocês me conhecem mais, rs).

Apesar de ser bissexual, só namorei homens. Já me relacionei com mulheres, mas em um nível de entrega menor, confesso. O meu lado heteronormativo me afasta do meu melhor lado, ou seja, de relações pautadas na tranquilidade e liberdade; e da minha afetividade e atração



sexual com mulheres. Quando categorizo “melhor lado” é porque comecei a perceber que alguns relacionamentos despertam em mim o meu “pior lado” e acredito que a maneira que a gente se relaciona ativa determinadas emoções, ativa comportamentos, aprofunda sentimentos e contribui para nossa construção como seres humanas. E nesse sentido, a monogamia heteronormativa ativa em mim o ciúmes, a possessividade, a baixa autoestima, a insegurança, a dependência emocional aos homens, a crença no romantismo e no amor a homens misóginos (quase todos).

Aí muitas leitoras podem falar: “ah, mas isso são aspectos muito pessoais e individuais”. Bom, eu como boa socióloga fui dar uma olhada em processos sociais pra entender um pouco esses processos em mim. E como boa feminista eu levo um dos nossos lemas quase que tatuado no corpo: “o pessoal é político”. Sabe quando a gente luta pra afirmar que violência doméstica é algo social e não problema de “casal”? Pois é, nossa afetividade e relacionamentos abusivos também são políticos. Mas eu sei, como eu sei, o quanto difícil é pra gente descolonizar os nossos afetos e perceber que aquele ciúme, mesmo sendo coisa da “sua cabeça”, é algo que carregamos historicamente, categorias machistas que conseguem nos aprisionar e nos fazer explorar emoções que nos fazem sofrer, nos culpar, rivalizar umas com as outras.

Descolonizar os nossos afetos. Tenho repetido isso uma série de vezes. Porque não é fácil.

Eu era a louca do ciúme, sim, minhas amigas me chamavam de Helô (sabe a Heloísa de da novela Laços de Família? Dá uma googleada!), mas não era agressiva a esse ponto, rs. Pois é, e isso me incomodava profundamente, porque minhas aspirações políticas eram diferentes das minhas atitudes. Na época, também não era feminista, mas mesmo quando me assumi feminista sofria com o ciúme em minha vida.

Gostaria de destacar o ciúme porque na minha vida foi algo que dilacerou meu coração e que atrapalhou minha vida profissional e afetiva. Quem sen-

te, sabe que é um sentimento que proporciona até uma dor física, um quente que sobe e parece fazer ninho dentro da nossa cabeça, perturbando a cada minuto nossos pensamentos. Em resumo, parece cólera.

Pois bem, apesar de não retirar a minha responsabilidade diante do ciúme, de procurar “pelo em ovo”, há também um processo social afetivo que leva nós, mulheres, a carregar inseguranças muito realistas com relação a nossos parceiros. Um dos exemplos é a questão histórica relacionando homens comprometidos e traição como algo naturalizado, “normal”, no comportamento masculino: sabe quando escutamos que um homem traiu a companheira/namorada/esposa e alguém fala “mas homem é assim mesmo”? Pois é.

Tentar compreender o ciúme e não me culpar por senti-lo é muito recente para mim. Faz um ano que tenho me relacionado (ou quase não me relacionado) de maneira diferente com minhas afetividades (familiares, amizades e sexuais). Comecei a ler um blog sobre amores livres e gostei bastante, e foi lá que encontrei um texto muito bom e crítico com o conceito de relacionamento livre. Porém, queria refletir junto com vocês sobre o ciúme, sobre o que o blog também traz uma discussão importante para nós mulheres que estamos tentando nos livrar dessa tal monogamia, e também para mulheres que estão inseridas na monogamia, mas que buscam maneiras para que este tipo de relação seja menos desigual e conflituosa. Acredito que

vale uma citação para falar em nossas mentes uma crítica aos que gritam por mais liberdade com responsabilidade afetiva:

"Vejamos a questão do ciúme, por exemplo, que sempre aparece: é impossível não sentir ciúme, ele é muito diferente da posse e, frequentemente, para as mulheres tem mais a ver com uma insegurança bem fundamentada do que com alguma paranoia de controle possessivo. Estatisticamente falando, não somos nós que matamos ou espancamos por causa da perda, possível ou real, de pessoas que tratamos como objetos de posse, mas mesmo assim somos nós as taxadas de ciumentas histéricas. Mais uma vez, essa lógica masculina não nos serve – especialmente numa relação entre duas mulheres, podemos depor as armas contra a possessividade, a questão é outra (mas é claro que quando de fato uma de duas mulheres que estão num relacionamento estiver por ventura reproduzindo um comportamento machista vale mobilizar alguma ajuda para ambas). Uma mulher negra que tem medo de ser preterida em favor de uma mulher branca está em todo o seu direito e razão de questionar seu companheiro ou companheira quanto a isso – na realidade talvez esse medo nem devesse ser chamado de ciúme. Mulheres trans, mulheres neuroatípicas, mulheres que têm filhos e diversos outros casos

e situações de mulheres que tem demandas específicas não devem ser simplificados. É muito comum trazermos muita bagagem para as nossas relações, isso deve ser compreendido com cuidado. Liberdade não é o oposto de responsabilidade afetiva, ao contrário, conjugar as duas coisas é estritamente necessário para que as relações livres sejam na prática o que elas pretendem ser na teoria: uma possibilidade de emancipação e não mais uma forma de opressão."

(<https://amoreslivres.wordpress.com/2016/06/05/nao-existe-relacao-livre-sem-responsabilidade-afetiva/>)

Precisamos tratar o ciúme como um problema muito sério, que precisa ser muito discutido com uma perspectiva feminista, com tranquilidade e generosidade entre nós para que essa questão não seja perversa e não nos coloque umas contra as outras, ou que nos deixe perturbadas nos relacionamentos que estamos construindo.

Na minha trajetória comproendo os sentimentos não somente como individuais, mas também articulados a nossa vida em sociedade. Articular emoções a processos históricos é também uma maneira de entender que os sentimentos humanos são manipulados e construídos coletivamente, e que por mais que nossa ruptura individual de tradições amorosas seja importante, temos que nos atentar ao bonde da história e identificar uma estrutura emocional que aprisiona nossas relações. Na minha trajetória amorosa, eu comproendi que o meu ciúme e possessividade tinham uma carga histórica e cultural muito forte, e que isso poderia ser transformado, pois não era algo da "minha personalidade" e na verdade eu não era a "louca". Pois, as nossas subjetividades femininas, mas principalmente a masculina, são socializadas em costumes machistas e misóginos, ou seja, nós aprendemos também a nos odiar – rivalidade entre as mulheres (sempre a outra é a vagabunda) e os homens nos tratar como objeto sexual e emocional deles. Nes-

se sentido, perceber o capitalismo, o machismo e o racismo no interior das nossas relações afetivas é não naturalizar e individualizar sentimentos que foram construídos ao longo da humanidade. Pense em quantas pessoas pretas, trans, cegas, surdas, com cicatriz, com pessoas do mesmo sexo, gordas, enfim pessoas fora do padrão branco/hétero vocês já se relacionaram de maneira mais profunda; ou melhor, que vocês realmente amaram e amam. A colonização do nosso afeto nos faz perceber o amor como um grande mercado a ser preenchido por determinadas categorias. Não sejamos ingênuas. Mas sejamos críticas de maneira generosa, não se mude comportamentos seculares em meses.

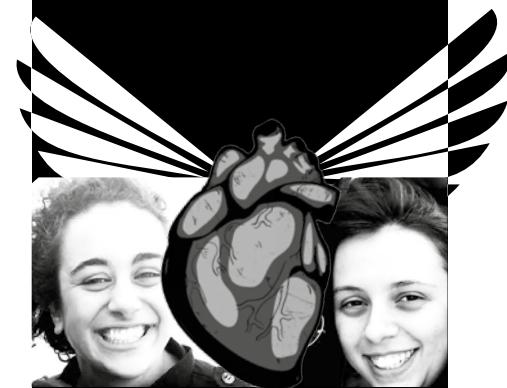
Politicar as emoções, não é endurecer-las. Pelo contrário, é colorir e enegrecer o que foi embranquecido durante séculos. É tentar romper uma lógica de mercado e de padrões afetivos e ter a capacidade de ampliar nossa maneira de amar. Entender que nem sempre amar significa namorar ou casar com determinada pessoa. Há muitas possibilidades de se relacionar e definitivamente ainda estamos presos somente a uma determinada maneira de explorar as paixões. De maneira monótona e muitas vezes cheia de irritação.

De repente, amar é encontrar a relação afetiva mais saudável que você possa ter com sua/seu amante. É ter mais beijos intermináveis (delícia) do que brigas intermináveis (eca).

O ciúme diante disso tudo me parece uma maneira de medir a segurança que cada um tem em relação a outra pessoa disponível no mercado. É o sentimento de ser escolhida e poder ser trocada (se é que alguém pode ser trocado). É a crença de que o amor pode ser medido por atributos que as pessoas têm e de que nosso amor é dependente de uma pessoa. Arriscaria dizer que o ciúme é um ótimo regulador do mercado afetivo atual: determinando posses, construindo cercos, determinando níveis de atração, nutrindo egos, romantizando o amor possessivo e violento.

Por isso mulherada, vamos descolonizar nossos corações!!! Por mais beijos intermináveis e paixões encantadoras... ■

**DE REPENTE,  
AMAR É  
ENCONTRAR A  
RELAÇÃO  
AFETIVA MAIS  
SAUDÁVEL  
QUE VOCÊ  
POSSA TER  
COM SUA/SEU  
AMANTE.**



**PS.** Gostaria de agradecer Paulinha Franco que com seu olhar enriqueceu meu texto. Nossa parceria e amizade é exemplo concreto de que a rivalidade entre mulheres é uma maneira de distanciar um elo de amor profundo entre nós por conta do machismo. Se antes a rivalidade nos separava, hoje nossa irmandade nos fortalece a cada dia.

**~ PARA UMA HERMANA,  
CRIADORA DE NOVOS  
MUNDOS ~**

PARA SIL DE DANI REGINA

os novos mundos, outros possíveis para além do capital  
aprendi que podem ser desenhados com você

estes novos mundos,  
mundos cheios de alegria e rebeldia  
consigo enxergar no seu olhar  
consigo ouvir da sua boca  
sinto nas suas ações

irmã,  
esses novos mundos  
que sonhamos juntas  
habita nossos corpos  
habita nossos encontros  
explode nos nossos caminhos  
com sorrisos  
com sabores  
com liberdade



# POESIA

a caminhada  
vira e mexe  
apronta com a gente  
deus ri da nossa cara  
mas as deusas nos dão a força  
rebelde que emana da terra  
a docura do mel para alimentar  
nuestra alma  
a coragem do amor pra seguirmos  
apaixonadas por nuestras vidas

esses novos mundos  
serão criados por nosostras  
guerreiras da terra  
que diante do impossível em ser  
somos

e você irmã  
é aquela guerreira  
que decerto é a semente  
que floresce  
todos os dias  
em nossos jardins da revolução  
e no meu coração rebelde  
como inspiração que pulsa um sabor  
doce e verdadeiro  
do que significa ser humana.

sua alma  
é janela para dias ensolarados  
e você, quetzal  
passarinha da liberdade  
que desafia gaiolas.

*que seu coração possa recordar de  
todas essas palavras em momentos  
em que procuramos sentido nos  
sentimentos mais contraditórios que  
teimam em nos ferir. recorde de sua  
beleza, que é gigante e corajosa, não  
duvide disso.*

# PERSISTE

Persiste a violência  
Persiste o homicídio  
Persiste o erro sintático  
persiste o feminicídio

Persiste os 54% a ecoar  
Persiste a dor e a solidão  
Persiste o silêncio  
Persiste os remédios  
Persiste a negligência  
E a negação

Sao 2,4,5,8 filhos sem mãe  
Filhos deixados órfãos  
Pelo patriarcado de um estado  
que  
Persiste em dizer: é tudo ladrão  
São estes os filhos que sofrem  
Com o racismo e a opressão

Ideais meritocráticos surgem  
Não levam em consideração  
Quanta dor carrega uma geração

Persiste ainda a perda do patrio  
poder  
Mas não é o patrio  
Que chora muitas vezes  
Por não ter o que dar de comer

Persiste o apagamento histórico  
Persiste o medo da verdade  
única  
Persiste o capitão do mato  
Com sua mira e arma apontada  
Para os de número 2,4,5,8...

Mas...  
Ainda persiste as mães de maio  
Ainda persiste as mulheres  
históricas  
Ainda persiste a luta  
Ainda persiste o olhar doce  
Ainda persiste a alegria  
Que dá fogo para a chama que  
insiste em queimar

Enquanto houverem  
jenys, gabrielas, dayses,  
dandaras, ales, danis,  
araildas, ritas, anas,  
silvanas, natalias,  
patrícias, carolinhas, maris,  
micheles, lias, bias,  
formigas...

**PERSISTIREMOS!  
RESISTIREMOS!  
AINDA  
EXISTIREMOS!**

POR DANI BRAGA  
ILUSTRAÇÃO: CAROLINA  
TEIXEIRA



# FIM DOS RELACIONAMENTOS

**A**no passado eu defini como o ano dos rompimentos. Foi o ano em que eu mais rompi. Eu rompi com ciclos longos – como a conclusão da minha graduação. Eu rompi com algumas relações familiares tóxicas como a minha relação com meu pai. Eu rompi um namoro de três anos inteiros e outro de pouco mais que seis meses – assim, meio em seguida mesmo. Eu rompi com todos esses relacionamentos e doeu. Doeu muito.

Atendo-me ao fim dos relacionamentos amorosos é importante citar que a dor é desperta por uma porção variada de sentimentos, como: o costume, a falta da companhia, o hábito de dividir a vida com o outro, a ausência dos amigos que se distanciaram no tempo de relacionamento, o beijo, a falta do sexo, do corpo, a carência do cuidado. E mesmo quando a relação é abusiva e agressiva, rola a tal da síndrome de Estocolmo\* (vide rodapé), onde a gente sente uma falta até da dor, só pela carência. Isso diz tanto dessa condição de dependência emocional – em especial nós mulheres – que nos condicionaram a viver. Vem dessa sociedade paradoxal que supervaloriza as relações, ao mesmo passo que desqualifica as demonstrações de

afeto sincero e cai naquela de joguinhos e ilusões.

Essa sociedade que diz que nós, mulheres, somos mais capazes e mais completas quando estamos dentro de um relacionamento – mesmo que ele seja uma bosta. Nos diz da busca pelo companheiro perfeito e nos coloca um medo danado de ficarmos só. Porque, afinal, ficar só é sinal de que alguma coisa você tem de errado. Talvez você seja neurótica demais, histérica demais, controladora demais ou qualquer outra coisa “de-mais”. E aí que a gente acaba – direta e/ou indiretamente – comprando essas âncoras sociais que nos afundam e não nos deixam voltar à superfície e ver que: tudo-bem-romper-um-relacionamento-que-não-faz-mais-bem.

Pra compor o grupo de motivos assustadores que o término supõe, existe aquela sensação da “bota”, da perda, do fracasso. Não raro as pessoas, quando questionam sobre o porquê você terminou (ou porque terminaram com você), referem-se “nossa, porque vocês não deram certo?” e poxa, vamos voltar uns passos e compreender o que definimos por “dar certo”. Dar certo, na maioria dos casos, é exatamente pôr o fim no relacionamento. Nem sempre porque ele foi uma bosta, abusivo, opressor e traumático. Na verdade, pode ter sido bom à beça e ter dado tudo certo, mas acabou. Porque se iniciam, agora, novas vivências, novos histórias, novas fases, novas pessoas. É cíclico: e tudo bem!

Me incomoda muito não sermos honestos com as nossas fraquezas e estarmos, freneticamente, em busca de estarmos felizes. Às vezes não rola e dói, e é ruim. E tudo bem. A gente não precisa fazer com que isso cure imediatamente. Não deixamos

de ser quem somos – o tanto de coisa boa que somos – porque vivemos um rompimento. Porque terminamos e estamos doloridas, porque terminamos e estamos felizes à beça. ■

**ROMPIMENTOS  
SÃO NECESSÁRIOS.  
ROMPIMENTOS  
PODEM DOER.  
ROMPIMENTOS  
PODEM SER  
TRAUMÁTICOS,  
MAS PODEM  
NÃO SER  
TAMBÉM.**

\* A Síndrome de Estocolmo é um mecanismo de defesa aleatório que surge como forma da vítima tentar se proteger da violência. A vítima pode até ter noção do risco que sofreu e os danos por quais passou, porém, para que o processo não seja mais doloroso, ela passa a ter uma boa relação com o agressor na tentativa de despertar nele afetividade. Ao passar muito tempo em situação de violência, ela não consegue mais diferenciar o agressor da pessoa amada, ficando ainda mais exposta a violências. Até hoje estudamos casos. Um caso famoso na tv: o sequestro da filha do Silvio Santos. Casos não tão famosos: mulheres e crianças que sofrem constantes abusos em seus relacionamentos devido à cárcere privado, relações abusivas etc. e se mantêm neles justificando, às vezes, que “amam demais”.

**NOTA DA EDITORA:** Miga, que texto FODA! Eu gostei demais, e tô inteira de acordo. E acho que a nossa libertação dessa culpa pelo fim/ pelo não deu certo/ pelo fracasso vem também por respostas coletivas, pelo amor que construímos com nossas amigas que nos faz também caminhar pra nossa felicidade. Te amo e obrigada por essa leitura. Sua vida me inspira.

ILUSTRAÇÃO: VALQUÍRIA PALMA



# AFETIVIDADE, QUE FITA É ESSA?

Coletiva Audácia



ILUSTRAÇÕES:  
BRUNA MITRANO

## COLETIVA AUDÁCIA

A Audácia é uma coletiva de auto-organização e está aberta para receber qualquer mulher que queira somar com ideias, informações, novidades, propostas, oficinas e também com abraços e bons ouvidos. Ainda estamos em fase de construção e precisamos de muita ajuda para conseguirmos seguir com esse projeto, por isso, colem, conheçam, se reconheçam e somem!

A transformação acontece quando a gente se move e juntas somos muito mais fortes!

A força feminina tá aí gente, vem!

facebook: coletivoaudacia E-mail: coletivoaudacia@gmail.com

**M**uito se fala sobre o afeto, aquele tal ato de carinho dividido entre as pessoas através do abraço, escuta atenta, cuidado e fortalecimento. Podemos dizer também que ele é um ato revolucionário dentro de uma sociedade onde as relações são atravessadas pela correria excessiva, o caos da cidade grande e o cansaço presente, diariamente, na dupla jornada de trabalho das mulheres, sobretudo dentro da periferia.

É comum entre as rodas de conversa cuja presença é predominantemente feminina, desabafo e choros por conta da violência sofrida dentro de suas casas ou qualquer outro espaço onde o “afeto” real de troca, estímulo e compreensão é substituído pela servidão aos homens.

Essa construção social de autoanulação é fortemente difundida pelos meios de comunicação e acesso à informação que atingem a maior parte dessas cidadãs: televisão, novelas, filmes e músicas.

Tudo isso condiciona a nós, mulheres, pretas, indígenas, faveladas e nordestinas a um espaço onde o amor próprio fica sempre em segundo plano, enfraquecendo nossa saúde mental e espiri-

tual. Além de nos induzir a uma busca pelo “ideal” de beleza e comportamento, que não dá uma brecha para nos aceitarmos como somos.

Todas essas cobranças de postura que são normalizadas pelas empresas de cosmético, lingerie etc., acarretam uma série de problemas de autoestima, timidez, ansiedade e até depressão em grande parte da população jovem do mundo.

Diante de todas essas questões, a afetividade infelizmente acaba caminhando junto com a dor. Àquela dor que é carregada de silêncio e sorrisos constrangeadores frente ao privilégio masculino de se relacionar com várias mulheres e ser aceito socialmente.

A dor de ser taxada como louca quando questiona o parceiro (a) de suas atitudes abusivas, a dor de não poder conversar abertamente com os pais sobre as regalias que o irmão recebe enquanto a filha deve permanecer em casa nos afazeres domésticos.

A dor de nossas companheiras que estão na estatística do último Censo de 2010, onde aponta que mais da metade das mulheres negras não vivem uma união independente do estado civil, entre outras camadas de opressões que infelizmente, ainda permanecem no campo privado e dificilmente são discutidas em público. É importante ressaltar que o problema acerca desse tema não se restringe a relacionamentos amorosos, ele também se estende às amizades, à escola, ao ambiente de trabalho ou qualquer tipo de local em que haja relações humanas, pois essas tretas são reflexos da nossa sociedade.

Portanto, reconhecer e tentar modificar essas barreiras junto a outras mulheres pode ajudar a perceber o silenciamento, encorajando o processo de superação de traumas de uma maneira mais justa, ampla e bonita.

Não é de uma hora para outra que a mulher assume suas condições ou fala para alguém de suas angústias. A mana que está na correria não vai levantar um dia e decidir botar um fim no relacionamento abusivo, nos maus tratos da família, numa relação conturbada entre ela e um possível filho(a), entre “N” situações.

Mas com sensibilidade e empatia, nós, amigas, companheiras, colegas de escola, somos capazes de girar algumas travas na consciência, o que futuramente pode SIM fazer toda a diferença. ■

**CRIMOS RELAÇÕES.  
ESTAMOS  
JUNTAS!**



# PARA FALAR DE AMOR

**P**ensando no que escrever sobre afetividade e amor, veio à lembrança de alguns discursos clichês, que ouvimos desde a infância. Essas frases prontas e carregadas de apelos, como de que amor não se explica, não se julga, só ele constrói, só ele perdoa, transforma, é incondicional, é ferida que dói e não se sente, é sorte, faz renascer, é só de mãe...

Amor e afeto são palavras/conceitos que abrangem um universo de ideologias coletivas e individuais, mas o que pensar sobre esse combo amor/relações/sorte/felicidade etc. quando ele não vem completo para nós? Quando falta e não temos nem sabemos de onde tirar? Essa necessidade de reflexão está em mim há tempos, um desejo latente, um deságüe intenso sobre afetividade e falar de amor...

**PRECISAMOS SIM  
FALAR DE AMOR!**

Desse amor pálido que negras e negros pouco sabem viver, sentir e lidar, dado o tamanho do abismo de silêncio e dor que trouxeram para nossa existência, quando nos negaram o direito ao afeto, através da demonização da nossa pele e práticas, da objetificação dos nossos corpos e da negação da nossa humanidade. Fomos empurradas para um lugar de pouco afeto, mas nos cobram muita força e coragem!

**PRECISAMOS SIM  
FALAR DE AMOR!**

Desse amor avassalador, intenso, mas de rasa ancestralidade, pois vive à sombra do racismo que alimenta muitas angústias, fraquezas e baixa autoestima, empurrando negras e negros para um enorme abismo de incompreensão e pouca empatia com nós mesmos. Amor esse que não venera nem aceita mulheres negras, mas ao mesmo tempo considera essas mulheres capazes de senti-lo incondicionalmente, o suficiente para suportarem sozinhas o peso em carregar os companheiros, os filhos, a família.

**PRECISAMOS SIM  
FALAR DE AMOR!**

Desse amor piegas e idealizado socialmente, mas que é utópico e custa caro, pois vive na corda bamba, não aguenta mau humor e quebra fácil, pela falta de cuidado, de tempo, de sexo, de comida

na mesa. Esse amor não é compreensivo com a rotina das mulheres periféricas, que cuidam de três filhos em dois cômodos, sem espaço para privacidade, jantares românticos e pétalas de rosas sob a cama, sem tempo para viagens e sem grana para presentes.

**PRECISAMOS SIM  
FALAR DE AMOR!**

Desse amor romântico, mas abusivo, pois depende de outros para existir e empurra toda a responsabilidade da prosperidade em uma relação para as mulheres, que são constantemente condicionadas a perdoarem violências, mentiras, opressões, desprezos e, ainda assim, continuarem firmes, na esperança que esse amor salvará a relação! Esse amor que é sempre maior pelo outro e menor pelo espelho, que tira a capacidade do autocuidado, da análise das relações e de impor limites. Um amor que não “empodera” as mulheres a praticarem o amor próprio e a aceitação, exigindo uma busca doentia por uma estética, na tentativa de agradar alguém e, quem sabe, receber gotas de amor. Amor que ensina as mulheres a doar, silenciar e esperar, em um ciclo constante de autoabandono, impossibilitando o olhar para as próprias dores, para buscar reconexão e cura.

**PRECISAMOS SIM  
FALAR DE AMOR!**

Desse amor universal, mas excludente, onde o casamento e a maternidade são os únicos modelos de plenitude para as mulheres, amor que enquadra as rela-

ções em fechadas ou abertas, mas pretere, exclue e maltrata as mulheres negras, colocando-as sempre à disposição e espera de alguém que as escolham. Esse amor de inúmeros conceitos e discursos, mas de pouca prática de vivência real, que precisa ser nomeado, para preencher um status social. Modelos de relações que não contemplam os corações negros de muito banzo e incompreensões e, mesmo assim, por muitas vezes tentamos nos encaixar neles.

**PRECISAMOS SIM  
FALAR DE AMOR!**

Desse amor pelos homens negros que pouco amam as mulheres negras, pouco se amam, mas tocam suas vidas apaticamente no raso da afetividade, cegam o olhar para as subjetividades, priorizando seus instintos e conveniências. Homens que foram forjados na dureza e crueldade do racismo e da objetificação do seu sexo, e como que em uma vingança insana e hostil pela dor que sentem, reproduzem essa violência no abandono de seus filhos e no mal trato com as mulheres negras.

**PRECISAMOS SIM  
FALAR DE AMOR!**

Desse amor cristão e moralista, que não deixa as mulheres viverem sua sexualidade de forma plena e liberta, pois correm o risco de serem preteridas e julgadas. Esse amor com hora marcada, que educa homens a usufruírem dos corpos femininos, como instrumento de descarrego de seus

demônios e seus líquidos sagrados, sem o mínimo de responsabilidade afetiva própria e com a parceira. Amor que violenta as mulheres, ao se submeterem às taras de seus parceiros, pelo medo do abandono ou da troca, sim, mulheres são trocadas, como objetos quebrados.

**PRECISAMOS SIM  
FALAR DE AMOR!**

Desse amor que tanto clamam e veneram, mas é desconhecido em sua essência, que é vivido como um tiro no escuro com mais certezas de dores do que de afagos. Esse amor que precisa ser questionado e refletido profundamente, se realmente é necessário uma cartilha do amor, para vivenciarmos a afetividade de forma saudável e construtiva. Em meio a poucas respostas encontro uma direção: Amor é profundo demais para ter um só modelo! Não desejo nada do que está imposto, preciso me libertar de tudo que está introyetado e marcado no meu corpo e memória. Preciso de autocuidado e liberdade, para experimentar sem amarras a afetividade, para trilhar trajetórias saudáveis e criar minhas práticas de amor, romance, sexo e relações, sem utopias, sem desesperos e com consciência das dores e afagos que virão.

Sem obrigações sociais e tempo certo para começar e terminar, desejo dormir com tranquilidade para acordar no meu relógio e me certificar de que o amor estará lá, no mesmo lugar que deixei, vivo, saudável e aguardando meu sinal, pois esse amor também terá o desejo de viver em mim e a consciência que me pertence! ■





ILUSTRAÇÃO: CAROLINA TEIXEIRA

# CONSTRUÇÃO DE AFETIVIDADES ENTRE NÓS SAPATÓES

**M**undialmente o movimento de mulheres lésbicas se organiza em torno da pauta da visibilidade. No Brasil, a data de 29 de agosto é um marco de luta e reivindicação que busca mostrar que nós, sapatões\*, existimos e resistimos. Essa pauta surge da constatação de um fato que traz grandes agravos para as vidas das mulheres que se relacionam com mulheres: nossas histórias são subtraídas, apagadas, aniquiladas pelo heterocapitalismo.

Esse buraco na história gera um grande peso pra nossas vivências, pois construímos nossas identidades, desejos e afetividades sem referências, na contramão de um modelo imposto de heterossexualidade compulsória. Essa heterossexualidade compulsória é um regime, alimentado pelo patriarcado e pelo capital, que impõe a

heterossexualidade como a forma “verdadeira” de existir no mundo. Ela não apenas coloniza nossos desejos, mas coloniza nossas subjetividades, coloniza a forma como a gente se coloca no mundo, nas nossas relações, nas nossas performances e papéis sociais.

Aprendemos a nos relacionar dentro dos modelos dessa heteronorma, que tem seus papéis definidos e que subjugua as mulheres e dá poder e controle aos homens. Nós sapatões também fomos socializadas dentro desse modelo heteronormativo, é a referência que temos de afetividade. O romantismo e o

ideal da felicidade projetada na outra pessoa são heranças dessa heteronormatividade e que se faz presente na forma como nós sapatões construímos os nossos afetos.

No entanto, as relações entre mulheres não são relações heterossexuais.

## A CONSTRUÇÃO DE AFETIVIDADE ENTRE MULHERES É POR SI SÓ UMA QUEBRA NO PADRÃO HETERONORMATIVO E PATRIARCAL, MESMO QUE AS HERANÇAS ESTEJAM PRESENTES NA CONDUÇÃO DOS PROCESSOS.

Entender essa heterossexualidade compulsória é fundamental para que consigamos construir afetividades desde um outro lugar, criar outras referências de formas de amar. É importante também que consigamos refletir sobre as nuances das relações entre mulheres, que produzimos reflexões e conhecimento sobre as nossas histórias sistematicamente invisibilizadas.

Nesse sentido, é fundamental que pensemos alguns aspectos das relações entre mulheres que de certa forma herdam padrões nocivos absorvidos desde a heteronorma e que ganha particularidades nas relações entre sapatões.

A pauta da violência doméstica é uma das questões mais debatidas dentro do movimento feminista. Mas quem são essas mulheres vítimas de violência? Há uma crença geral de que quem sofre violência doméstica são apenas mulheres heterossexuais. Isso decorre, primeiro, de uma idealização da relação entre mulheres, sobretudo se forem mulheres feministas, como um lugar seguro e blindado de acontecer situações violentas; e segundo de uma desconsideração da vivência da mulher sapatão, tratada muitas vezes como se não fosse uma mulher igualmente sujeita ao feminismo, tanto na pauta da violência doméstica quanto na da violência contra a mulher de forma geral.

Então como tratar de situações violentas entre nós sapatões se sequer admitimos que elas existem? É preciso compreender como estamos construindo nossas relações, quais os padrões de comportamento que estão impregnados em nós. Um dos aspectos dos relacionamento sapatônicos que podem gerar situações de violência é o processo simbótico. Há uma tendência, nos nossos relacionamentos com as manas, de que nossa vida se misture a tal ponto que as envolvidas parecem ter se tornado uma só pessoa. Juntamos tudo: essa pessoa se torna nossa melhor amiga, companheira, adentra nos espaços de militância (quando não já está), mantém quase que as mesmas relações de amizade e confiança. Em seguida passam a ter os mesmos gostos, sonhos e desejos; a adequar a sua vida e seus planos ao da outra pessoa, porque vocês precisam combinar a vida, entre outros processos de verdadeira simbiose. Penso em alguns fatores que podem fazer com que esse processo seja tão comum e intenso: acredito que a relação sapatônica se apresenta como um espaço seguro diante de um mundo tão hostil com a nossa existência, então estar com aquela pessoa (ou pessoas) nos oferta um lugar de conforto que não encontramos facilmente; outro aspecto é que nós mulhe-

\* Uso o termo sapatão ao invés de lésbica por alguns motivos: 1. É uma forma de ressignificar uma palavra que historicamente foi usada como xingamento e se apropriar dela. Se sapatão são mulheres que se relacionam com mulheres, então sou sapatão sim, obrigada. 2. O termo lésbica é muito higienizado e eurocêntrico, faz referência à ilha de Lesbos e não tem nada a ver com nós de acá. 3. Vejo sapatão para além de uma palavra que define orientação sexual, acredito que se afirmar sapatão é afirmar uma identidade e performance de gênero construída desde um outro lugar, mas isso aí dá outro texto.

res de forma geral fomos construídas com uma grande carência afetiva, com uma eterna sensação de falta e insuficiência que é projetada no amor romântico como lugar de completude, ao passo que os homens são socializados na base da autossuficiência. Então nós mulheres fomos educadas a mendigar migalhas afetivas, e quando encontramos outra mana que rola uma grande identidade, a tendência é que queiramos nos nutrir completamente da presença e do afeto da outra.

Porque que isso tudo pode ser nocivo e desencadear violência? Num processo simbiótico, fica difícil você conseguir reconhecer a fronteira que demarca a sua individualidade e a individualidade da(s) outra(s) pessoa(s). Os espaços da subjetividade de cada uma pode ser desrespeitado pela crença de que essa pessoa nos pertence, impossibilitando a existência de um lugar de exclusividade, recolhimento individual. As situações vividas individualmente ou com outros sujeitos ficam cada vez mais raras, porque tudo passa a ser feito conjuntamente. Quando a relação chega ao fim, fica extremamente difícil se refazer e reconhecer quem se é, reconhecer a própria força, os próprios sonhos, os próprios desejos, porque as vidas estavam tão imbricadas que torna turva qualquer perspectiva de futuro sozinha ou fora dessa relação.

Esse lance todo alimenta a dependência emocional que nós mulheres carregamos. A autonomia é enfraquecida na medida em que se enfraquece a autoestima e a autoconfiança dentro desse processo de perda da individualidade. Isso gera uma série de sentimentos difíceis de lidar que pode gerar violência de diversos níveis, da física à psicológica. A falta de espaços de debate para conversarmos sobre isso contribui para que a gente vá reproduzindo irrefletidamente esses padrões tóxicos para nós e para as outras.

Outros aspectos podem aumentar as chances de uma situação de violência. As relações de poder desiguais colocam as pessoas envolvidas em uma relação em lugares assimétricos de existência e plenitude. Diferenças de classe, raça e geração estão atreladas a lugares de poder muito bem demarcados socialmente, e que dentro de uma relação podem ge-

rar lugares de opressão. Isso não significa que toda relação desigual é necessariamente violenta, mas que esses fatores podem contribuir tanto para o surgimento e agravamento da situação de violência, quanto para a impossibilidade de se criar condições materiais e emocionais de sair dela.

Outra questão a ser pensada são os agravos da lesbofobia na saúde mental das sapatão. Esse é um tema pouquíssimo debatido e pouco se sabe sobre os impactos da violência lesbofóbica sobre as nossas vidas, mas eles existem e acompanham a nossa trajetória de vida. As situações de violência deixam marca nos nossos corpos, e isso inevitavelmente afeta a forma como nos relacionamos afetivamente. É um debate a ser comprado e aprofundado entre nós (e é tão urgente essa discussão, percebo enquanto escrevo esse parágrafo que o corretor automático de texto informa que a palavra lesbofobia não existe!).

Pensar como construímos nossas afetividades é fundamental para edificarmos relações sensíveis e potentes. Fazer esse debate circular cria referência, é educativo, pois somos nós por nós, somos nós que construímos nossas bases, nossas vivências, nosso modo de amar. As relações entre sapatões são a ruína do patriarcado, mulheres que amam mulheres é revolucionário, é um coturno na engrenagem da heteronorma. Por isso, manas, vamos construir nossos afetos combinados com autocuidado, autoproteção e autoconhecimento. ■

**SAPATÃO É BARRICADA!** 

ILUSTRAÇÃO: KASU MÙ



## ISSO É UM RELATO DE AMOR E CORAGEM.

**E**u sou uma mulher lésbica, feminista e periférica.

Essa sou eu no espaço-tempo do mundo.

Pensei por demasiado dias o que botar no papel sobre a minha construção afetiva.

Tentei não escrever exclusivamente sobre relacionamento amoroso (afetivo e sexual), queria fugir desse lance de atrelar afetividade a esse tipo de relacionamento (namoro, casamento etc.), mas confesso que todas as vezes que eu sentei pra escrever esse relato, a primeira coisa que me veio à cabeça foi o meu relacionamento e as milhares de nuances que os envolve. Depois de por dias e dias tentar elaborar algumas linhas sobre o mais íntimo da minha afetividade, percebo que numa das primeiras vezes na vida estou num relacionamento que me sinto plena e tranquila, e isso tem me feito pensar

<sup>1</sup> Trecho da música "You've Got To Learn" - Nina Simone

<sup>2</sup> Trecho da música "Tempo Rei" - Gilberto Gil

muitas coisas, principalmente no tipo de construção afetiva que estabeleço com todas as pessoas que estão próximas a mim. Eu tenho aprendido muito sobre cuidado e responsabilidade, e também tenho conseguido falar mais das coisas das quais eu sinto, sejam elas fúteis ou complexas. Eu tenho acreditado que estar com alguém só vale a pena se for muito bom - e é possível que seja, afinal, assim tem sido.

Esse relato não é sobre esse tal amor romântico mesquinho que aprisiona, tampouco sobre essa bizarrice de metade da laranja, não é nada disso; mas sim sobre a potência de amar outra mulher e sobre o amor-coragem que eu tenho aprendido a cada dia, é sobre liberdade. Não estou romantizando o amor entre duas mulheres, é óbvio que lésbicas também estão passíveis de reproduzir comportamentos abusivos (sobre isso tem esse textinho: <http://www.revistacapitolina.com.br/relacionamentos-abusivos-lesbicos/>).

É uma árdua tarefa construir relações que vão na contramão de tudo o que esse sistema nos impõe: O capitalismo e o patriarcado são monstros prontos para abocanhar qualquer possibilidade de afetos que rompam com a lógica da mercadoria, da posse, da hierarquia, da heteronormatividade compulsória.

Eu, assim como você que está lendo esse texto, já me desestabilizei, me deixei tomar por medos e por muitos desses sentimentos que imobilizam. Já implorai migalhas e escamotei os erros alheios, mas tem uma hora que a gente aprende "a sair da mesa quando o amor já não está sendo servido"<sup>1</sup>, e isso foi um dos melhores ensinamentos que eu tomei para mim. Hoje eu me sinto mais segura e lido melhor com a minha ansiedade, é tão bom sentir as coisas mudando dentro da gente, sabe? Isso são conquistas individuais- porém, não somente, sem dúvidas, essas coisas fazem parte dos processos de cura e do amor-coragem que tenho me arriscado a cultivar.

Acreditar no amor enquanto um sentimento revolucionário é acreditar na potência de transformação que ele desperta em nós, de nos transformar, de transformar antes de tudo "as velhas formas de viver"<sup>2</sup>, isso é o que tenho chamado de amor-coragem. Esse amor sapatão que tem me enchido de sustância e força para resistir aos monstros.

**AMOR SAPATÃO É REVOLUÇÃO! ■**

# BIOMA AMOR

**P**ercebi que para escrever de afetos, a fala se dará possivelmente na posição afetiva em que se encontra a escrevente. Então uma fala não científica de afeto é fala afetada pelos afetos vividos no instante da fala. Possivelmente aqui se encontra o estado que esta que vos escreve está. Numa hipótese: devaneando.

Onde começa o amor? Por onde começa a fala do amor? Como se aprende amor? Como saber se há amor?

Antes do verbo, é sentimento, sensação, coisa que se sente sem se saber o que é. É igual à cor vermelho. A gente a vê – a cor – percebe, se move por ela, mas só a chamamos de vermelho quando xs anteriores nos apresentam aquela coisa quente, caliente, que é dita vermelho... Acho que o amor é a mesma coisa, assim como as outras cores. É coisa sentida que se põe o nome.

E que nome...

Carregado de sentidos...

No sentido do que se sente...

O que não sabemos exatamente é como esses sentidos que se sente foram significados pelas tramas das culturas,

ILUSTRAÇÃO: ERICA MALUNGUINHO

tecendo imaginários que ajudaram a dizer o que é e o que não é amor. A partir dos desejos de cada qual em dizer sua narrativa de afetividade. Esta reflexão, assim como o próprio nome, são datados e afetivamente localizados.

Os significados que dou ao que sinto são baseados numa história de afetividades em constante deslocamento, afetividades que procura(vam) meios para se fazerem presentes mesmo sendo e tendo sido presionadas por uma série de negações e preterimentos.



Mas, como toda boa fuga-deslocamento, encontra existências possíveis, acalantos passageiros e maneiras de multiplicar os lugares do exercício de relacionar-se. É por esta afetividade em constante deslocamento que digo o que já está inscrito em mim. Como uma ser marcada por diversos discursos, muitos deles de opressão, mas que constantemente **TRANSgride**, **AFRONta**, resiste e desliza para não ser aprisionada por eles.

É inegável que o projeto de civilização construído no decorrer dos séculos e que temos no hoje agora como

dom. só almoço ate 18h). Cc.: V. Cd: V. Escr. c/mambor. Convite: R\$ 16,50. **BOI PRETO**

contraria ao estilo argentino... O bife é incre-

meável, pern e bacalhau nas cetas de

Natal servidas a partir das 22h. R\$ 100,00

1393. Belenzinho. **CHURRASCO**

(2h/15h30 e 18h30/

intervalo ate 0h; 23h30). Cc:

100,00 obr. **FOGO D**

0 coloca no

dia na cidade

10h na quinta (24). Avenida Vereador José Diniz,

(450 lugares). 11h30m (sex. e sáb. ate 1h; dom. ate 23h). Cc.: todos. Cd: todos. Cr: todos. Escr. c/mambor. **BOI PRETO** (R\$ 15,00) & www.bifebolgofaz.com.br. Aberto em 1992. \$

39,90. Na sexta (25) e no dia 1º, acrescenta-se ao

bufe chesse, pern e lombo. Serve só almoço ate

10h na quinta (24). Avenida Vereador José Diniz,

(450 lugares). 11h30m (sex. e sáb. ate 1h; dom. ate 23h). Cc.: todos. Cd: todos. Cr: todos. Escr. c/mambor. **BOI PRETO** (R\$ 15,00) & www.bifebolgofaz.com.br. Aberto em 1992. \$

Novo tem so

e mesa de fr

84,00. Além

também che

frutas pelo

Novo tem so

e mesa de fr

84,00. Além

também che

frutas pelo

Novo tem so

e mesa de fr

84,00. Além

também che

frutas pelo

Novo tem so

e mesa de fr

84,00. Além

também che

frutas pelo

Novo tem so

e mesa de fr

84,00. Além

também che

frutas pelo

Novo tem so

e mesa de fr

84,00. Além

também che

frutas pelo

Novo tem so

e mesa de fr

84,00. Além

também che

frutas pelo

Novo tem so

e mesa de fr

84,00. Além

também che

frutas pelo

Novo tem so

e mesa de fr

84,00. Além

também che

frutas pelo

Novo tem so

e mesa de fr

84,00. Além

também che

frutas pelo

Novo tem so

e mesa de fr

84,00. Além

também che

frutas pelo

Novo tem so

e mesa de fr

84,00. Além

também che

frutas pelo

Novo tem so

e mesa de fr

84,00. Além

também che

frutas pelo

Novo tem so

e mesa de fr

84,00. Além

também che

frutas pelo

Novo tem so

e mesa de fr

84,00. Além

também che

frutas pelo

Novo tem so

e mesa de fr

84,00. Além

também che

frutas pelo

Novo tem so

e mesa de fr

84,00. Além

também che

frutas pelo

Novo tem so

e mesa de fr

84,00. Além

também che

frutas pelo

Novo tem so

e mesa de fr

84,00. Além

também che

frutas pelo

Novo tem so

e mesa de fr

84,00. Além

também che

frutas pelo

Novo tem so

e mesa de fr

84,00. Além

também che

frutas pelo

Novo tem so

e mesa de fr

84,00. Além

também che

frutas pelo

Novo tem so

e mesa de fr

84,00. Além

também che

frutas pelo

Novo tem so

e mesa de fr

84,00. Além

também che

frutas pelo

Novo tem so

e mesa de fr

84,00. Além

também che

frutas pelo

Novo tem so

e mesa de fr

84,00. Além

também che

frutas pelo

Novo tem so

e mesa de fr

84,00. Além

também che

frutas pelo

Novo tem so

e mesa de fr

84,00. Além

também che

frutas pelo

Novo tem so

e mesa de fr

84,00. Além

também che

frutas pelo

Novo tem so

e mesa de fr

84,00. Além

também che

frutas pelo

Novo tem so

e mesa de fr

84,00. Além

também che

frutas pelo

Novo tem so

e mesa de fr

84,00. Além

também che

frutas pelo

Novo tem so

e mesa de fr

84,00. Além

também che

frutas pelo

Novo tem so

e mesa de fr

84,00. Além

também che

frutas pelo

Novo tem so

e mesa de fr

84,00. Além

também che

frutas pelo

Novo tem so

e mesa de fr

84,00. Além

também che

frutas pelo

Novo tem so

e mesa de fr

84,00. Além

também che

frutas pelo

Novo tem so

e mesa de fr

84,00. Além

também che

frutas pelo

Novo tem so

e mesa de fr

84,00. Além

também che

frutas pelo

Novo tem so

e mesa de fr

84,00. Além

também che

frutas pelo

Novo tem so

e mesa de fr

84,00. Além

também che

frutas pelo

Novo tem so

e mesa de fr

84,00. Além

também che

frutas pelo

Novo tem so

resultado, inclusive este questionamento, nos precarizou da experiência-vivência de amar. Criou vértices ante os horizontes, criou barreiras ante pontes, criou distâncias ante elos. Temos as dimensões de raça, classe e gênero como elementos estruturantes das subjetividades que nos compõe. Essas subjetividades se tornam objetivas, constroem as identidades nos dizendo quem é x outrx e a nós mesmos, e então a fruição das coisas da vida se tornam pontos de negociação e verdadeiros campos de batalha. É como a árdua tarefa de respirar oxigênio numa cidade poluída. Asma, bronquites, rinites, sinusites...

Uma das construções mais eficazes das estruturas do poder é o controle dos nossos corpos. Corpo como corpo. Corpo como tempo. Corpo como sentimento. Corpo como existência. Neste todo há muitas nuances... Entre escolhas, imposições e tomada de consciência e das rédeas... São as pausas, os limites que damos para aquilo que nos corrompe enquanto humanidade. Por exemplo, o sono. Por exemplo, o banho. Por exemplo, ouvir as canções que fazem para nós, ou nós fazemos, ou tomamos como nossas. E, neste meio tempo aquilo que se cultiva em termos de relação. Seja da natureza que for, são fendas que nós, seres subversivas, temos que elastecer. Para não sermos apenas aquilo que os sapiens querem dizer quem somos. Sejamos pólvora às vezes, poesias muitas outras, deserto, poeira, rios, gentes.

### **REINTEGRAÇÃO DE SI**

Deste lugar que estamos, é necessária uma sensível consciência sobre o projeto separatista da cisbranconormatividade. É importante reiterar que este olhar



ILUSTRAÇÃO: ERICA MALUNGUINHO

se dá numa geografia localizável. De observações e sensações dentro dos territórios que habito. Das afetividades que pude presenciar. E, sim, neste histórico há desde a pobreza urbana nordestina oriunda do campo, uma família organicamente afrocentrada e matriarcal, uma certa mobilidade socioeconômica, uma consciência de gênero que se inicia pelo caminho da orientação sexual (como homossexual) e se assenta numa identidade de gênero trans com inúmeras reflexões sobre transafetividades.

Neste meio tempo aconteceram dois casamentos, nos quais, entre belos acontecimentos, tive que ouvir do primeiro que “se fosse para estar com travesti, preferiria ficar com mulheres”\* e do segundo “eu não sei se gosto”, enquanto presenteava seu amante e potencializava uma identidade feminina nele. E ainda constantemente questionava as roupas que eu usava, com “você vai sair assim?”, e também minhas construções intelectuais, dizendo “você é inteligente demais, prefiro pessoas simples”. Silenciando uma das poucas ferramentas que eu dispunha para enfrentar a brutalidade dos violadores da liberdade. Enquanto isso, ele compulsoriamente fomentava relações extraconjugalas... Nenhum problema se isso proporcionalmente não precarizasse a relação que tínhamos. Ou que eu achava que tinha. E assim se deu. O fato é que fiz uma escolha de revolução. Zerar criticamente as dívidas que me impuseram para o pertencimento numa sociedade estratificada, reconstruindo uma história que tenha como protagonismo o bem estar.

### **PASSAGENS DE UMA SEMANA QUE SE INICIA NAS QUINTAS FEIRAS OU FASES DA LUA, OU CICLOS DO TEMPO. EM 8 TEMPOS.**

Eu me permito ser amada. Movimento-me nesta sintonia, interagindo com as dissoluções das construções tradicionais e ressignificando-as. Sinceramente não acho de todo ruim. Acho ruim ter como única possibilidade. Tenho cada vez mais tentado me dedicar ao amor. Deslocar-me criticamente do que me compôs violentamente com base nas exclusões de raça, classe, antes de sexualidade e hoje de gênero.

Eu acreditava que não amava, porque o que me disseram sobre o vermelho e sobre o amor tinha uma distância abissal do que eu comprehendia como cuidado, quereres, saudades e afetos... Hoje comprehendo que amo... Amo muito... Muitas gentes e coisas todas...

Eu não penso sobre amor... Eu vivo amores. Busco amores. Maneiras de envolvimentos que tenham como percurso a leveza, onde não haja prejuízos, onde conflitos sejam meios para externalizar as diferentes identidades envolvidas e não armas que dão vazão à violências, assujeitamentos, desrespeitos e substituições que visam tapar supostos buracos construídos por expectativas de alguém.

O lugar de afeto de cada um não é imutável, mas ele precisa ser observado, cuidado para tecer transições, porque neste lugar está o sensível, profundo e permanente. Como todo sensível ele caminha. Segue suntuosamente como o rio vivo que corre. Retrilhando seu encontro com o mar. Ou algum outro rio quem sabe. Ou numa longa queda. Quem sabe cachoeira.

Há pouco ouvi falar em pororoca. Sobre uma história de afeto de duas pretas mineiras. Uma, água do rio. Outra água do mar. Yemonjá e Oxum.

### **AMAR É A MARÉ.**

Me veio uma metáfora a partir do oceano.. Aquele que se finda-inicia na praia.

E se o nome-sentido-sentimento amor fosse escrito segundo as regras do feminino gramatical. Se ao invés de “o” mar, fosse “a” mar. “O” mar, no caso

“a” mar, é uma imensidão de onde se percebe águas rasas e profundas, claras e turvas, num infinito de cores e biodiversidades, muitas desconhecidas. O silêncio-som das profundezas do mar. Os constantes fluxos da maré. Amar é. Maré cheia. O horizonte visto a partir da terra firme. Horizonte é horizonte. É justo... E o horizonte visto do meio do oceano? Todos os lados de horizontes. Infinitos horizontes. Horizontes são zonas de possibilidades. É o abrir-se para o que não sabe que virá, é despir-se para o respiro e para o começo, re-começo. Para uma história aparentemente sem fim.

Um tanto longe das metáforas, mas nem tanto, porque acredito que só é possível refletir sobre o profundo humano do amor quando as razões estão em suspensão e nos tornamos a própria água, a própria natureza que somos e fazemos parte, observando outros animais, plantas e minerais, vendo como tudo se desenha e se torna paisagens em movimento, a própria vida acontecendo... Vejo nisso amor, muito amor...

O certo é que não há certeza ou verdades absolutas sobre este nome-sentido-sentimento, mas há algo que nos move em relação aos outrxs, as coisas da vida que vão justificando o verbo amar.

Amor seria estarmos em fluxos naturais, quando digo naturais, digo saudáveis de bem estares para interagir com o mundo e nele se amalgamar, como coisas juntas. Amar é estar vivx. Amor é bioma.

Como diz minha velha mãe:

**AMOR É ALGO FORA  
DO COMUM■**

# AMOR PROPRIO

**C**omo sabemos se realmente nos amamos? O amor próprio é algo que é difícil de alcançar, pois a nossa sociedade nos faz pensar que sempre precisamos de algo além de nós mesmas para nos amarmos.

Nós, mulheres, somos ensinadas desde muito cedo que temos que ter um relacionamento heteronormativo, que devemos casar e manter o casamento "até que a morte nos separe", nos dizem que temos que ser boas esposas e amar nossos maridos acima de qualquer coisa - e muitas vezes amamos, esquecendo até de nós mesmas e chegando até os casos de violência que sabemos. Mas, além disso, existem outras questões que rodeiam o impedimento do amor próprio, uma delas é a questão histórica e, claro, o sistema capitalista, que para ter seu lucro sacrifica a nossa autoestima e a nossa vida de maneira geral.

Historicamente, para que os europeus conseguissem menosprezar a população africana, além da força bruta, foram usadas várias teorias dizendo que seu cérebro era menor, que eram selvagens etc. e que, portanto, tinham que ser tutelados - isso foi conhecido como darwinismo social no século XIX. Com o tempo, foram usados também outros meios para que sempre fosse mais bem visto o padrão europeu (pele branca, cabelos loiros, olhos azuis...), desde os tempos de nossas avós - e muito antes disso também - a mídia trabalha para

que pensemos que esse padrão é natural e nós, que somos diferentes, devemos nos encaixar para sermos aceitas na sociedade, então alisamos nossos cabelos, cirurgias pra afinar o nariz, entre outros.

Além disso, a indústria da beleza lucra sempre com a nossa baixa estima, escondendo-nos atrás de uma máscara porque seu natural não é bom o bastante e você deve sempre seguir um padrão, até mesmo de como você deve usar a maquiagem. Assim também com a indústria da moda, que nos faz muitas vezes cometer loucuras para ter um corpo magro e humanamente inalcançável, excluindo qualquer tipo de corpo diferente disso e fazendo, inclusive, números sempre menores de manequins para que sempre pensemos que não estamos magras o suficiente, isso é mostrado claramente com as modelos que são sempre muito magras. Até mesmo as modelos enquadradas como plus size, muitas não representam de fato a mulher gorda que encontra diversas dificuldades para achar qualquer roupa que goste ou que esteja na moda.

Portanto, se amar é um ato de resistência, mesmo com todo esse peso em cima de cada uma de nós, cada vez que nos olhamos no espelho e admiramos nosso corpo do jeito que ele é, amar nosso natural antes de tudo. Não é fácil, mesmo tomando consciência, algumas vezes somos pegas querendo modificar o corpo ou cabelo, as vezes a luta cansa e naquele dia queremos só ter um dia normal. Mas não podemos desistir, de novo devemos resistir e existir, mostrando cada vez mais que juntas nossa voz é mais forte e nosso amor vai destruir todo ódio e retrocesso. ■

ILUSTRAÇÃO: ANA CLAUDIA LARANJEIRA

**PORTANTO,  
SE AMAR  
É UM ATO DE  
RESISTÊNCIA,  
MESMO COM  
TODO ESSE  
PESO EM CIMA  
DE CADA  
UMA DE NÓS.**





## RELAÇÃO CONJUGAL: CASAMENTO DE LONGA DURAÇÃO

**A**ntigamente, o casamento estava muito ligado à realidade financeira, mesmo havendo amor. A mulher estava ciente de que o seu futuro bem-estar material estava ligada a situação financeira de seu marido. Existia uma preocupação dos pais com relação ao futuro da moça e a necessidade de arranjar um marido que fosse um bom partido.

Quando eu era criança, o meu pai me dizia sempre que, para me casar, eu teria que saber fazer bem o trabalho doméstico. Ele me dizia: Ritinha, você tem que aprender a lavar a louça, a lavar e passar a roupa, arrumar uma casa e, principalmente, cozinhar, pois se não o meu marido poderia me devolver, nenhum homem casa com uma mulher que não saiba cozinhar, rsrs (bem machista, né?). Lembro-me do dia em que ele resolveu me ensinar a matar uma galinha, meu deus! Que sofrimento foi aquele! Eu quase morri junto com a galinha! Então me esforçava pra aprender tudo, pois eu queria me casar, construir uma família bem grande rsrs.

Com o passar dos anos, a vontade do meu pai era que eu namorasse a partir dos 18 anos. Conheci o meu companheiro aos 20 anos, namoramos, novavamos e o que foi bem interessante é que meu pai

já não pensava mais como antes. Ele chegou a me perguntar, faltando 15 dias pro casamento, se era isso mesmo que eu queria, que eu poderia não me casar se não quisesse, pra pensar bem! Ele já estava mudando, enxergando de forma diferente, achei muito estranho, mas fiquei refletindo.

As expectativas sobre o casamento mudam ao longo do tempo e não é fácil resistir às mudanças sociais, econômicas e culturais que interferem muito na vida da gente. Sempre trabalhei e, às vezes não tinha tempo pra cuidar do serviço de casa que se acumulava e tinha que fazer tudo nos finais de semana. Quando comecei os estudos, isso criou uma situação, pois chegava muito tarde todos os dias em casa, coisa que não acontecia antes. O fato de ter uma filha agravou ainda mais, afinal "quem vai tomar conta, vai deixar largada, a mãe não pode ser ausente...". Foi muito difícil, todo trabalho dobrou.

Em casa as coisas tiveram que se adequar, tivemos que dividir as tarefas, isso sempre foi com muito diálogo e concluímos que a mulher não precisa viver totalmente dedicada ao marido, ao seu papel de mãe e dona de casa, ela precisa também conquistar espaços nunca antes imaginados e pode manter um casamento sem precisar abrir mão da sua independência para se dedicar exclusivamente à família. Ao longo de 34 anos de casamento e com duas filhas, compreendemos que tudo contribuiu para o nosso crescimento e fortalecimento. Hoje trabalhamos juntos com projetos culturais e sociais. ■

ILUSTRAÇÃO: CAROLINA TEIXEIRA

# RESPEITE MEUS CA BE LOS!

**S**urgiu na minha pele... Na minha cabeça... A luta vem da dor, da libertação dos cativos que por muito tempo me afastaram do real significado de liberdade. A dor que a pequena sente é a dor que se reflete em meu olhar, me remete a um passado, não tão distante e me põe novamente a chorar. Ao me libertar dos cativos que antes me atavam soltei as madeixas e as pequenas me olharam! É com orgulho e alegria que recebo a gratificação de vê-las livres!

Muitas de minhas pequenas e grandes alunas/mulheres/negras/periféricas estão na caminhada da aceitação do como se é no mundo, processo que não é fácil. Se eu posso, com minha experiência, ser guia, faço o pouco que está em minhas mãos com o carinho que estas merecem.

Começamos em nossa escola, EMEF Rui Bloem (SP), no início do mês de março um projeto chamado "Respeitem meus cabelos!". O trabalho foi realizado com o objetivo de estimular o pensamento crítico da galerinha acerca do processo histórico que se reflete hoje ainda em meio a tanto preconceito e desrespeito em nossa sociedade. Pensamos em como acabar com brincadeiras preconceituosas entre as crianças, as quais magoam e afetam a autoestima. Além disso, precisamos valorizar as características afrodescendentes dos nossos alunos e das pessoas de seu convívio. O processo se deu dentro e fora da sala de aula, com a discussão a partir da utilização de textos, vídeos, músicas e livros que abor-

dam a ideia de moda, falas do senso comum acerca da beleza, características físicas e valorização de todos.

Fiz algumas reflexões a partir da música "Black Gold" e discutimos muito sobre a mídia e a mulher negra. A parceria da equipe de trabalho foi linda e só rendeu bons frutos! Professoras que mudam a vida de qualquer pequenino como, Camila Botelho e Solange que fizeram um belo trabalho musical, mas é claro que depois de muita discussão, reflexão e arte, apresentaram uma versão riquíssima da música "Respeitem meus cabelos, brancos!". Sem falar da doce professora Paloma, que ensinou uma canção em inglês para que as crianças me homenageassem (sem palavras...). A professora Camila Rosa, com seu belo trabalho no coral da escola, trouxe as crianças para cantar a cultura forte que veio da África, cantou Cangoma e Sansa Kroma e "Meus olhos coloridos".

Contamos ainda com um desfile das cacheadas... que beleza... como são belos seus-nossos cachos... de todas as texturas, cores, tamanhos... todos belos... porque são belas como são! Os nossos laços foram atados com os cachos que se enrolam para além do que se pode ver... ■

Juliana Nascimento



**P**ra começar sou a Sil, mulher negra, 39 anos, cis e só. Por me sentir só, agora, principalmente, fico pensando se eu falei, se não sei amar ou se eu não sou interessante. Olho pra minha coleção de histórias de (des) amor nesses tantos anos e não consigo dizer se desejei ser assim e tive momentos bons, de alguma felicidade no amor, ou se é uma condição dada ao que

eu sou ou meu jeito de ser e viver...

Vivi muitos amores, muitas paixões, mas a maioria delas, vivi sozinha, dentro da minha imaginação, realizei todas elas na minha cabeça, muitas sem que os amados soubessem. Por que eu fiz isso? Não sei, acho que por medo de rejeição, por

ser mais cômodo imaginar tudo como poderia ser, com perfeição, imaginar contos de fadas, imaginar ser sem sofrer, mesmo não sendo e sofrendo.

Lembro do primeiro fora que eu levei, lá na quarta série, era corajosa, me declarei, não deu porque era amiga demais e ele era apaixonado por outra menina, a popular da escola, e ele queria tentar lá, não aqui, embora eu fosse muito especial pra ele. Especial.

Carreguei isso comigo até substituí-lo, na minha imaginação, por outra pessoa. E outra, e outra...

Fui crescendo com a certeza que nunca me isolaria por alguém, viveria livre, faria o que quisesse. Aí veio o meu primeiro namorado, por quem eu tinha afetos, mas não conseguia dar tudo que ele queria de mim além do que eu dispunha. No fundo, eu queria mais do que eu achava que era amor e beijei outro, e ele que tanto me amava, me deixou, dizendo que eu quebrei o coração dele, que ele tinha me escolhido como a mãe dos seus filhos... Por sorte (dele), bem rápido alguém colou o seu coração e ele seguiu. Eu ainda fiquei um tempo nessa história, meu amor era ele, e eu senti muito.

Aos 19 me apaixonei de novo. Esqueci tudo e amei demais. No auge da minha paixão, ele me deixou. Não podia seguir porque eu era especial demais. Especial. E ele não era o suficiente pra mim. Ele decidiu assim e, como eu tinha muito amor, virei um caso ocasional e desse lugar assisti ele encontrar outro amor, no qual ele era suficiente e virei amante por um longo tempo. De especial à distração, uma doidinha que gostava de curtir, de sair pra dançar e beber com os amigos, que não queria se prender a ninguém. Na minha cabeça eu só queria ele e me fechava pra todos os outros, e vivia e me divertia, mas aquela não relação me machucou muito. Cansei, guardei-o numa caixinha de desejos e me abri pra outro amor. Esse eu amei sozinha, ele amava mesmo meus amigos, amava sair e curtir com eles e eu era a ponte. Doeu demais me enxergar nesse lugar, quebrei. Juntei os caquinhas da minha ponte e continuei construindo o meu caminho.

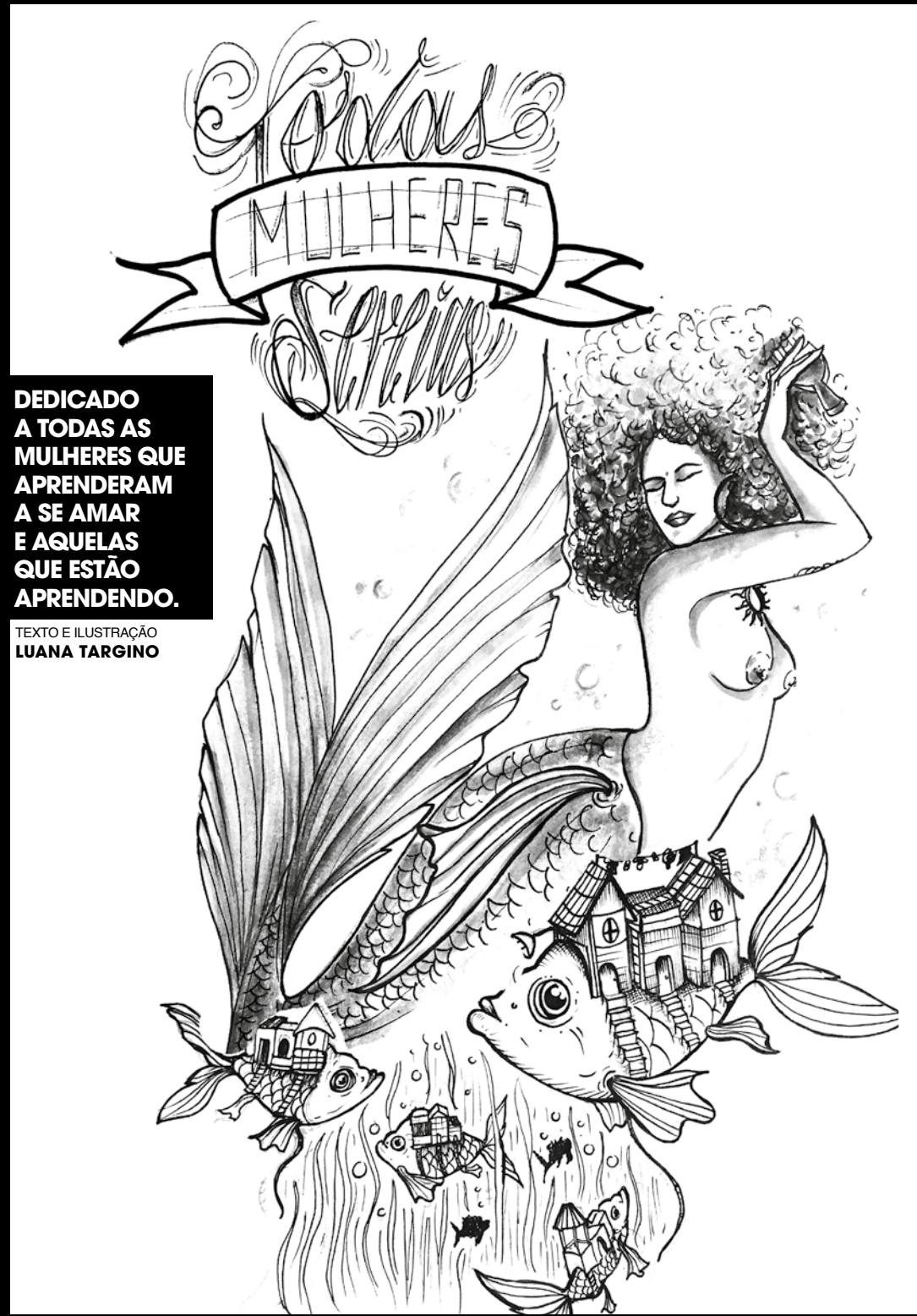
ILUSTRAÇÃO: SILVANA MARTINS

Viajei muito, namorei o mundo, meu coração virou um aeroporto de amores instantâneos que chegavam e partiam. Quando eu voltei, abri aquela caixinha procurando um porto seguro pra descansar e amar de novo o meu segundo amor... Mas não deu, não rolou. Eu continuava livre demais pra ele. E eu, mesmo presa àquele sentimento, queria ventinho. O amor não me caia bem.

Comecei a colecionar paixões internas. Vestia a liberdade e voava, seguia meu caminho e era até feliz, mas lá dentro do meu coração aeroporto queria mesmo era ser escolhida por alguém que eu tivesse escolhido.

Resolvi decolar pra mais um amor, fui atrás e construí uma história, dando o quanto eu tinha dentro de mim. Acreditava que era recíproco. Mas eu vivia uma relação aberta sem saber, e dividia o amor dele com pessoas bem próximas a mim. Quem dera fosse só esse tipo de traição. Ai, como doeu. Sufoquei. Vomitei e mais esse não amor passou. Apagou.

De especial passei a ser especialista em ser amiga e esconder paixões. Eu me distraio com a vida e vivo muitas pequenas felicidades, mas tenho uma angústia muito grande de não conseguir mais me olhar por dentro. Eu me sinto inhabitada, inacessível, mente cheia, dispersa e cansada. Com a razão e a emoção disputando cada léguas da minha cabeça e coração. Assim eu sigo, regando essa mazela e brotam mudas de dúvidas e flores de ilusão. Sozinha, queria mesmo era pousar dentro de mim e sentir aquele click de oi, sou eu mesma, que bom é estar em casa. ■





SABIA QUE SUA FELICIDADE ...



DEPENDIA APENAS DELA.



ELA IMAGINAU  
A VIDA TODA  
SUBMARINA.  
AONDE MULHERES  
ERAM SEREIAS LIVRES,  
QUE SEGURAM O PESO DA  
EXISTÊNCIA NOS OMBROS,  
EM CADA MERGULHO.  
MESMO SABENDO QUE  
ERAM ALVO FÁCIL DOS  
INFORTÚNIOS DA VIDA.

# AFETO DE COZINHA

**A** energia caiu bem na hora que ela esperava uma resposta. Passou dias ensaiando uma forma de tocar naquele assunto. Assim que ela apertou o 'enter' na tecla do computador, a luz acabou. Tudo desligou. O celular tinha 20% de bateria e ela correu pra continuar a conversa por lá, mas também não tinha wifi e os dados da operadora dela não estavam pagos aquele mês. Sobraram borboletas, fome e medo dentro do estômago dela.

"Dê, pega a vela no armário, por favor!", gritou a mãe dela da cozinha. Foi quando ela lembrou que não estava sozinha em casa e que ela tinha ficado de picar a salsinha pra mistura. Mesmo assim, ela não respondeu. "Elodêêêêê!", insistiu dona Yá, ou Lumyá pra quem não é próximo. Nessa hora parece que uma agulha pinicou a coluna de Elodê, fez ela dar um tremelique na cadeira. "Qui é, mãe?!", disse em um tom de reclamação. Antes mesmo dela fechar a boca, a correção veio: "Tá pensando que tá falando com quem? Oxé! Morreu um bicho no seu ouvido, é? Traz a vela pra mim, por favor. Tô com a panela no fogo!"

Elodê levantou num solavanco que até o coque que ela tinha feito com as tranças desmanchou. Enquanto procurava a vela no armário perguntava a si mesma se ele iria entender o que ela quis dizer ou se ia se sentir confrontado. Achou a vela pensando, caminhou em direção à mãe pensando. Já

apoiada na mesa e protegendo a chama com as mãos até ficar firme e iluminar a cozinha, ela nem percebeu quando soltou audível que "se ele se sentir assim, o problema é dele".

"Ele quem?" perguntou a mãe.

"Quem o quê?" ela retrucou sem entender.

"Eita, Elodê! Deixou a cabeça por onde?", provocou Yá, soltando uma gargalhada gostosa em seguida.

"Cadê a salsinha mãe?", desconversou.

"Lavada já, ali na tábua... Você nunca faz as coisas que te peço por completo, eu que tive que lavar procê. Depois fica falando aí de sororidade", brincou e ofereceu outra risada, largada.

Não veio resposta, talvez Elodê nem tenha ouvido. Agora ela já achava que tinha sido agressiva demais com ele, eles não namoram. Ela não podia cobrar nada. "Ou posso?", se perguntou em silêncio. Yá observava e captava cada vazio em seu olhar. Já fazia um tempo que ela sacava a mudança. Uns dias sorria muito, outros quase não mostrava os dentes. Estava ansiosa e às vezes era descuidada com quem a cercava em casa, impaciente. Mas ela é sua mãe, pode não a conhecer por completo, mas tem algumas chaves. "Vou preparar um chá de gengibre com hortelã procê, que acha?"

De pronto Elodê sorriu um sorriso pequeno e sabia que Lumyá sabia que algo não ia bem. Elodê se sentiu cuidada nesse momento. A mãe sorriu e já se questionava como poderia fazer uma pergunta certeira que não a afastasse de uma conversa. "Minha preta", foi a forma que ela escolheu pra abrir o diálogo, é como chamava Elodê em momentos de consolo ou quando queria pedir algum favor. "Pode me falar, não vou te julgar em nada. Sabe que não faço mais isso. Você continua saindo com aquele cara?"

O sim veio até antes da pergunta concluir. Elodê estava com os olhos fixos na xícara, era verde e tinha a foto de Aylanda, sua filha, foi lembrança de seu ani-

versário de cinco anos. "Mãe, eu gosto dele", ela respondeu ainda com a cabeça baixa e soltando um suspiro longo no final. Afiada, mas sendo carinhosa, Lumyá controlou uma certa raiva misturada com medo que sentiu por dentro e afirmou que ele não sentia o mesmo, não da mesma forma. Que a carne e o gozo eram uma forma de amar e que Elodê a tinha ensinado a reconhecer isso. Ela respeitava. Mas que talvez, Dê precisasse de outra esfera do amor agora, uma que não necessariamente viria com palavras bonitas e um pau duro.

"Yá! Eu deveria ter gravado isso, você falou 'pau duro'!". As duas riram uma risada verdadeira, muito leve e muito fiel. Ainda tinha sorriso nos lábios de Elodê quando ela disse que, sem perceber, parte da liberdade que ela tinha encontrado no discurso tinha se transformado em outra prisão. "Mas como saio daqui agora?", ela perguntou olhando pra cima com cara de chorar, ao mesmo tempo que tinha cara de quem não ia deixar a lágrima cair.

Sua mãe respondeu que era amor o que ela sentia por Dê, mas que ela sabia que um dia ela ia procurar um outro lar, seja ele qual fosse. E completou dizendo que Aylanda também a amava e que estariam juntas pra sempre, mas isso não privaria sua neta de ficar distante, se quisesse. Lumyá não achava que era amor o que Elodê sentia, mas não ia dizer isso. Tentou mostrar que ela não precisava ficar ali, esperando. Ela podia ir embora dessa relação.

Veio um silêncio arrebatador, até que passou um carro tocando funk muito alto

e a janela tremeu e a luz do farol refletiu na janela da cozinha por segundos. "Bom, Aylanda tá chegando, a comida tá quase pronta. Já coloca água pra esquentar pro banho dela. Você enrola muito!", disse Yá. "Mãe! Não palpita no jeito que lido com minha filha, por favor", ela retrucou. O chá já tinha acabado.

O pai de Landa tocou a campainha. Aylanda gritava do portão que tava com medo e que queria voltar pra casa do papai, que lá tinha luz. Dizia que tinha comido sorvete e que já tinha jantado, não tava com fome. Chorou pra entrar. Elodê e ele se cumprimentaram rapidamente, mas com educação. Quando sentiu o cheiro da comida, Landa disse que queria comer sim e começou a correr pela casa, pedindo o vestido de princesa dela. Ela queria brincar de "castelo assombrado". Elodê e Lumyá já tinham enfrentado um dia inteiro de trabalho, o relógio marcava oito da noite de uma quinta-feira. A menina precisava estar na cama às nove.

"Vamos pro banho antes do jantar, Aylanda. Vou colocar água pra esquentar", Elodê disse.

"Tá bom, mamãe. Gosto muito de você. Muito, muito mesmo", disse Landa sorrindo enquanto mexia no seu cabelo pretinho, grande, crespo e mais macio que travesseiro.

A luz voltou. Quando o telefone de Elodê anunciou uma resposta, ela não sentiu vontade de ler. Não naquela noite, pelo menos. ■

ILUSTRAÇÃO: SILVANA MARTINS



